

### 3

## Um educador católico no tempo dos cinematógrafos

Urge produzir, propagar, amparar por todas as formas o filme capaz de distrair sem causar danos morais, o filme de emoção sadia, não piegas, sem ridiculez, mas humano, patriótico, superiormente social. Propugnemos o filme brasileiro, sem exagerações, documental, de observação exata, serena, sem legendas pedantes, sem namoricos risíveis nem cenas de mundo equívoco em ambientes indesejáveis.

Jonathas Serrano

*JONATHAS SERRANO*



Fotografia de Jonathas Serrano realizada por volta de 1920. Fotógrafo desconhecido. Dentre os documentos disponíveis no FJS/AN não existem muitas fotografias. Por outro lado, é possível perceber que ele não era muito afeito a tirar retratos. Em vários recortes de jornais, onde há uma notícia sobre ele, as mesmas fotos vão se repetindo. A foto desta página é uma de suas preferidas, tendo aparecido na imprensa durante, pelo menos, duas décadas.

### 3.1

#### Jonathas Archanjo da Silveira Serrano, o professor Serrano

Em 1931, aos 46 anos, com a publicação de *Cinema e Educação* — que escreveu com o companheiro de magistério no Colégio Pedro II e na Escola Normal do Rio de Janeiro, Francisco Venâncio Filho — Jonathas Archanjo da Silveira Serrano, o professor Serrano, adentrava o ápice da sua produção intelectual.

Publicar não era uma novidade para este professor de História que, desde 1912, quando veio a público seu primeiro livro didático: *Epítome de História Universal*, já discutia o uso do cinematógrafo e do filme para o auxílio visual da aprendizagem escolar. Porém, entre os anos 1930 e 1933, Serrano publicou nada menos que doze novos títulos, abrangendo diferentes gêneros literários. Além de *Cinema e Educação*, já mencionado, são deste período os livros: *História do Brasil* (ensino de História); *Homens e idéias* (ensaios); *Ludovico* (romance); *A Escola Nova* (educação); *A montanha de Cristo* (espiritualidade); *O chalé e outros contos* (contos); *Deus o quer* (discursos e conferências, catolicismo); *Epítome de História do Brasil* (2ª edição, revista e ampliada); *Essa vida que passa* (poemas); *História da Civilização* (ensino de História, em 5 volumes, iniciado em 1933); *O valor social da castidade* (catolicismo, ensaios).<sup>90</sup>

É a partir deste período que se vai acentuar a produção literária de Serrano como intelectual católico, apesar de ele ter contribuído com o pensamento católico brasileiro durante toda a sua vida. Serrano foi um dos fundadores da União Catholica Brasileira [UCB], em 1907, quando contava com apenas 22 anos. O seu arquivo de documentos pessoais, na parte conservada pelo Arquivo Nacional do Rio de Janeiro, mantém preservados seu primeiros cartões como sócio desta entidade. Ali também estão colecionados vários dos informativos recebidos da UCB, com a programação mensal de atividades culturais, círculos de palestras e cursos de formação católica, então promovidos ou indicados pela UCB para a formação de seus jovens associados. Era um daqueles jovens no qual a hierarquia da Igreja Católica depositava confiança na batalha pela recuperação da influência

---

<sup>90</sup>Para maiores detalhes e uma lista completa das publicações de Jonathas Serrano consultar os anexos deste trabalho.

na definição dos rumos do país, perdida com a separação de poderes no final do Império, afastando Igreja e Estado, mantida e sacramentada com a República e a primeira Constituição republicana, de 1891.

Apenas um ano após a fundação da UCB, Serrano foi encarregado de secretariar a Segunda Seção — Círculos para a Mocidade, do Segundo Congresso Catholico Brasileiro.<sup>91</sup> Estava, deste modo, encarregado de estimular a discussão preparatória entre os representantes jovens das várias delegações vindas dos mais distantes rincões do Brasil, e também de propor um conjunto de questões para debate e encaminhamento durante o evento.

Para se desobrigar da missão, o jovem secretário propõe sete grandes questões para discussão, dentre elas ressalto: a importância da formação de Círculos para a Mocidade em todas as dioceses do Brasil, com a participação preferencial de jovens católicos praticantes, de prestígio local, que estivessem em idade de terminar o ensino secundário ou iniciar seus estudos em faculdades, ou seja, na expressão do próprio Serrano, “...justamente na fase da vida em que se encontram mais suscetíveis e mais necessitados da filosofia e da influência benéfica dos meios católicos” — como ele próprio se sentia.

Sugere, em seu relatório, que todos reflitam sobre a necessidade de tais agremiações organizarem, para o uso dos moços associados, uma pequena biblioteca de obras literárias, bem selecionadas, tendo em vista a grande ameaça que a má leitura representava para a formação dos jovens.

Durante o congresso, defende a necessidade da criação de uma revista, que ficaria a cargo da UCB, de modo a colocar em contato regular e contínuo os jovens de todo o Brasil que estivessem vinculados aos círculos para a mocidade. De fato, neste mesmo ano, Serrano participará da criação da Revista Social, direcionada aos jovens católicos do Brasil, com a qual contribuirá ininterruptamente por quase vinte anos, até 1927.

---

<sup>91</sup>Serrano, J. Quesitos. Segundo Congresso Catholico Brasileiro. Segunda Sección - Círculos para a mocidade. Fundo Jonathas Serrano do Arquivo Nacional. Rio de Janeiro: 1908, p.1-3. 1908. (Folheto de divulgação de evento)

A preocupação com os efeitos dos meios de comunicação e seus produtos culturais para a formação de crianças e jovens é uma das marcas da trajetória profissional e intelectual de Serrano. Ao propor a organização de uma biblioteca para a mocidade e a publicação de uma revista com o mesmo fim, busca contribuir para selecionar e direcionar a literatura de ficção e não ficção a que estes jovens católicos do Brasil teriam acesso. Neste campo da crítica à produção cultural, foi um crítico partidário dos valores morais cristãos, fato que nunca omitiu aos seus leitores e ouvintes. Em 1925, por exemplo, ao comentar o livro intitulado *Figuras e Conceitos*, num artigo para o jornal *A Cruz*<sup>92</sup>, volta-se para a influência decisiva dos jornais e revistas sobre o público leitor, deixando bem clara sua opinião: “...a ação do jornal e da revista, mais ainda que a do livro, é hoje decisiva, para o bem ou para a ruína educadora ou subversiva, acendendo vocações, inflamando almas ou ensinando o vício, o crime e a revolução”.<sup>93</sup>

De modo similar ele se posicionará em relação ao cinematógrafo e ao filme. Em 1938 tornou-se o fundador e primeiro presidente do Secretariado de Cinema e Imprensa da Ação Católica Brasileira [SCI/ACB], com sede no Rio de Janeiro. Além de exercer a presidência do secretariado, também dirigiu a publicação do *Boletim do Secretariado de Cinema e Imprensa da Ação Católica Brasileira* e coordenou a redação de textos, por colaboradores do secretariado, para publicação em diversos espaços de crítica cinematográfica em jornais e revistas de grande circulação, com o objetivo de difundir uma classificação dos filmes — recomendando-os ou desaconselhando-os a público católico — desde um ponto de vista da avaliação feita pela ACB. Neste período, o Secretariado disponibilizava a diversos veículos de imprensa, de grande tiragem e circulação, os textos de crítica cinematográfica redigidos por seus colaboradores e pelo próprios Jonathas Serrano.<sup>94</sup>

A literatura, o cinema e a imprensa são temas de permanente interesse na obra de Serrano, ficando evidente, desde o início de sua produção, a influência que este autor sofre dos meios católicos brasileiros a partir da convivência com

---

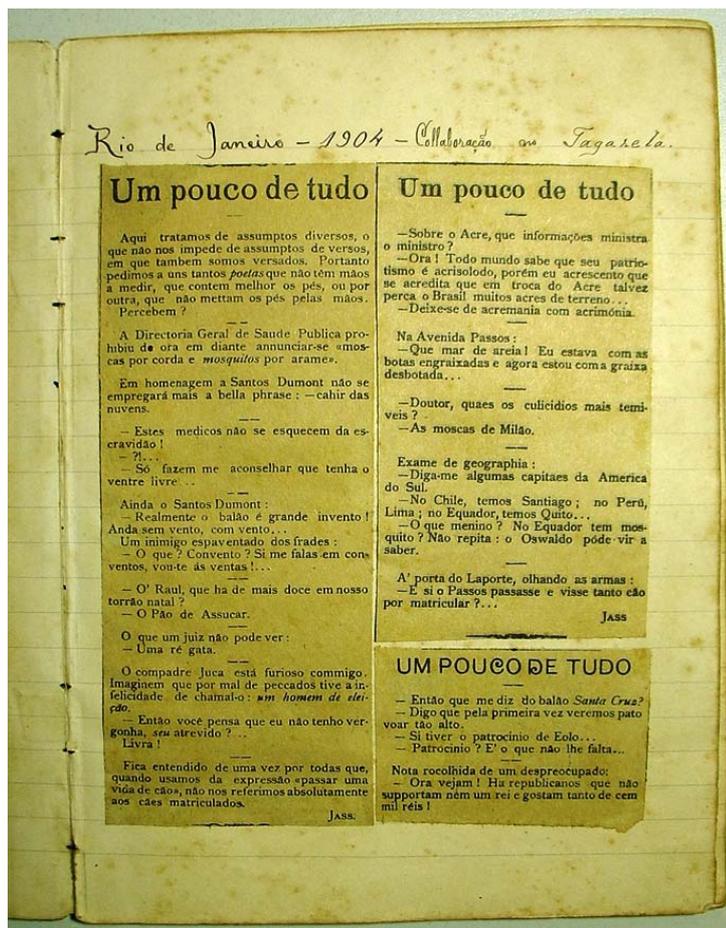
<sup>92</sup>A Cruz: semanário católico publicado pela arquidiocese do Rio de Janeiro.

<sup>93</sup>Serrano, J. *Escola e jornal*. Fundo Jonathas Serrano do Arquivo Nacional. Rio de Janeiro: 1/2/1925. 1925. (Recorte do jornal *A Cruz*)

<sup>94</sup>O SCI/ACB foi inspirado em similares de outras partes do mundo, como a *Legion of Decency* norte-americana, que Serrano bem conhecia e cujos boletins de censura cinematográfica ele recebia com regularidade.

Jackson de Figueiredo e o Padre Júlio Maria durante a juventude. Seu livro sobre o padre Júlio Maria é um de seus maiores sucessos editoriais, tendo sido objeto de vários artigos elogiosos em jornais de todo o país.

### COLUNA DE JONATHAS SERRANO NO O TAGARELA



Jonathas Serrano tinha o hábito de utilizar cadernos para colecionar recortes de jornal. Principalmente aqueles recortes de noticias que se referiam a ele ou, então, de textos que ele próprio havia escrito e que foram publicados pelos jornais cariocas e de outras partes do país. Nesta imagem, podemos observar uma página do caderno de recortes iniciado por ele em 1904, com colagens de suas colaborações juvenis para o jornal 'O Tagarela'. Neste jornal, Serrano teve uma coluna fixa, intitulada 'Um pouco de tudo'.

### 3.2 Notre Dame du Cinema

O comprometimento de Jonathas Serrano com a Igreja Católica no Brasil chega ao ponto de, em maio de 1939, já atuando no SCI/ACB, escrever uma carta ao Cardeal D. Sebastião Leme, do Rio de Janeiro, sugerindo o culto de Notre Dame du Cinéma. Tal culto, a uma imagem da Virgem Maria dedicada ao cinema e aos filmes, segundo informa Serrano ao cardeal em sua carta, teria se iniciado na França, após as primeiras jornadas cinematográficas católicas que lá ocorreram no princípio da década de 1930.

No Brasil, e levando em consideração o trabalho do Secretariado de Cinema, o nome sugerido por ele para o mesmo culto, mais adequado em sua opinião que aquele utilizado pelos franceses, seria Nossa Senhora do Bom Cinema.<sup>95</sup> Infelizmente, para Serrano, a iniciativa não teve sucesso e o trabalho do secretariado de cinema seguiu sem uma padroeira.

### 3.3 O décimo quarto volume da Bibliotheca de Educação

O livro Cinema e Educação foi publicado pela Companhia Editora Melhoramentos de São Paulo, e integrou a famosa coleção Biblioteca de Educação, coordenada por Lourenço Filho.<sup>96</sup> Essa coleção, como informam os editores logo na primeira contra-capa da publicação: “...destina-se especialmente aos srs. professores, primários e secundários, normalistas e estudantes, como aos

---

<sup>95</sup>Serrano, J. Carta a D. Sebastião Leme sugerindo o culto, no Brasil, de Nossa Senhora do Bom Cinema. Fundo Jonathas Serrano do Arquivo Nacional. Rio de Janeiro: 24/5/1939, p.1-5. 1939. (Carta original manuscrita)

<sup>96</sup>No período da publicação de Cinema e Educação a coleção estava sob coordenação de Lourenço Filho. O exemplar de Cinema e Educação que examinei foi recebido em doação pela Biblioteca Central da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-Rio tendo anteriormente pertencido ao Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos - INEP, do então Ministério da Educação e Saúde, como informam antigos carimbos apostos sobre as primeiras folhas do livro. Antes de 21 de maio de 1981, quando chegou à Biblioteca Central da PUC-Rio, desde 1969 este volume de Cinema e Educação esteve na Biblioteca do Instituto Social, cuja localização desconheço. Apenas o nome da instituição me é informado, mais uma vez, pelos carimbos superpostos de antigos proprietários. Sobre a Bibliotheca de Educação, indico consultar: Carvalho, M. M. C. e M. R. d. A. Toledo. A coleção como estratégia editorial de modelos pedagógicos: o caso da Biblioteca de Educação organizada por Lourenço Filho. Primeiro seminário editorial brasileiro sobre livro e história. Rio de Janeiro: novembro. 2004. (Comunicação em evento)

srs. pais, em geral, interessados em conhecer, de um modo claro e conciso, as bases científicas da educação e seus processos racionais”.<sup>97</sup>

Os treze volumes anteriores ao livro de Serrano e Venâncio Filho estavam voltados à divulgação de um conjunto de novidades na educação, com as quais os principais educadores dessa época buscavam comprometer-se. Os títulos apresentavam novos conceitos e métodos para a instrução escolar de crianças e jovens. Dentre os livros que compunham a série, destaco: Introdução ao estudo da Escola Nova, de Lourenço Filho; Vida e educação, de John Dewey; Como se ensina geografia, de A. F. de Proença; A escola ativa e os trabalhos manuais, de Coryntho da Fonseca.

### 3.4 Jonathas Serrano e Fernando de Azevedo

O livro Cinema e Educação foi dedicado a Fernando de Azevedo, educador que esteve à frente da Diretoria Geral de Instrução Pública do Distrito Federal nos últimos anos da década de 1930, a cuja equipe de colaboradores pertenceu Jonathas Serrano. Junto a Fernando de Azevedo, Serrano ocupou a importante função de Sub-Diretor Técnico de Instrução, o segundo homem da Diretoria, braço direito do Diretor Geral, como o próprio Azevedo declarou numa carta escrita em 1944, pouco antes da morte de Serrano:

Meu caro Dr. Serrano,

A sua mensagem de felicitações pelo meu aniversário foi a primeira que me chegou. Fico-lhe muito grato pela sua delicada lembrança. Ao receber o seu abraço, recordei-me de que, há mais de 17 anos tive a fortuna de conhecê-lo pessoalmente e a honra de obter a sua preciosa colaboração. Nessa obra em que trabalhamos juntos, num espírito de compreensão e confiança mútua, se estabeleceu uma dessas amizades tranqüilas e seguras que se conservam por si mesmas, pela sua própria solidez, e sabem estar sempre presentes, como parte da nossa vida.<sup>98</sup>

---

<sup>97</sup>Serrano, Jonathas e F. Venâncio Filho. Cinema e educação. São Paulo; Cayeiras; Rio de Janeiro: Companhia Melhoramentos de São Paulo, v.XIV. 1931. 159 p. (Bibliotheca de Educação)

<sup>98</sup>Azevedo, F. Carta de 3 de abril de 1944. Fundo Jonathas Serrano do Arquivo Nacional. São Paulo: 3/4/1944. 1944. (Carta original manuscrita)

Essa carta é uma das últimas enviadas por Fernando de Azevedo a Serrano. Como muitas outras que estão disponíveis no FJS/AN, ela foi escrita à mão em papel timbrado da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, onde Azevedo trabalhou após sua gestão na Diretoria de Instrução Pública do Distrito Federal.

A página organizada com rigor cartesiano, grafada com letra regular, bem desenhada a tinta preta pela ponta generosa da pena, uma marca personalíssima que faz identificar a correspondência de Azevedo antes mesmo da verificação do autógrafa. A mensagem chama a atenção pelo fato de, mesmo sucinta, testemunhar a amizade dos dois de maneira direta e até emocionada. Quase como uma despedida, que antecipa e anuncia a tragédia que adviria a Serrano poucos meses depois.

Durante quase duas décadas houve uma intensa e regular troca de correspondência entre Serrano e Azevedo. A observação da mesma sugere que companheirismo e admiração mútua — apesar das diferenças intelectuais entre eles — foram grandes marcas deste relacionamento.

Depois de voltar a São Paulo, ao deixar a DGIP/DF, fica mais evidente, na correspondência entre os dois, a orientação política assumida por Azevedo após seu retorno a São Paulo.

Nas cartas que escreve a Serrano no início dos anos 1930, Fernando de Azevedo sempre traz à tona suas críticas ao governo provisório de Getúlio Vargas. Como na carta de setembro de 1931:

...Que me diz das coisas do Rio? Para o Ministério da Educação, que ainda não teve seu ministro, parece-me que irá outro revolucionário histórico... [trata-se de uma ironia ao nome de Francisco Campos] É uma lástima, esse país; quando já se estava a findar a classe dos republicanos históricos, a revolução nos presenteia com uma outra coleção de revolucionários "históricos". Esse título não lhes impõe deveres; parece destinado apenas a aumentar-lhes direitos. Direitos à posições, à postos, e, depois, aos cartórios e aos tabelionatos...<sup>99</sup>

O tom e o sentido político do texto são também indicadores do grande drama moral e intelectual vivido por Jonathas Serrano durante boa parte da década de 1930, quando se encontra a meio passo entre o recrudescimento da ação da

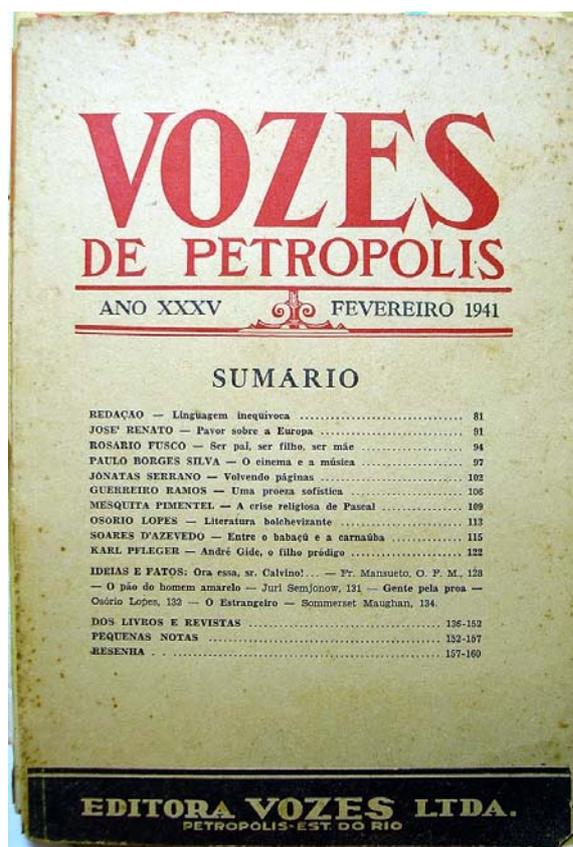
---

<sup>99</sup>Azevedo, F. Carta de 10 de setembro de 1931. Crítica ao governo provisório. Fundo Jonathas Serrano do Arquivo Nacional. Rio de Janeiro: 10/9/1931, p.1-4. 1931. (Carta original manuscrita)

Renovação Católica, movimento com o qual estava comprometido, e a sedução das propostas da Escola Nova, cujos princípios também defendia e praticava, não querendo se afastar dos mesmos nem do grupo formado por seus principais defensores — como o seu amigo Fernando de Azevedo.

Do ponto de vista educacional (filosofia da educação; práticas docentes; metodologia de ensino), o grupo de intelectuais que compunha a Renovação Católica não estava tão distante das propostas escolanovistas. Mas, do ponto de vista político, dos compromissos estabelecidos com a nova orientação política do governo federal, as diferenças se acentuarão aos poucos, obrigando educadores como o professor Serrano a uma escolha indesejada a favor ou contra determinados colegas de profissão e suas propostas para a educação nacional.

### REVISTA VOZES DE PETRÓPOLIS



*Capa da revista Vozes de Petrópolis editada em Fevereiro de 1941. Observando-se a quinta linha do sumário encontra-se o texto assinado por Jonathas Serrano: "Voltendo páginas". Serrano atuou como crítico literário e colaborador rotineiro da Vozes de Petrópolis que, junto com a revista A Ordem, foi um dos principais veículos de difusão dos ideais do movimento da Renovação Católica.*

### 3.5

#### Entre a Escola Nova e a Renovação Católica, uma posição possível?

O Brasil, desde a proclamação da República, vivia a expectativa de dispor de um ministério específico para a instrução pública. Em 1890, no governo provisório da Primeira República, Benjamin Constant ocupou um ministério criado para organizar a instrução pública nacional, que foi extinto ao findar deste mesmo ano. A partir de então as questões referentes à educação nacional passaram a ser responsabilidade dos ministros da justiça. Apenas com a chegada de Getúlio Vargas ao poder, em 1930, o país voltou a ter um ministro para a educação. Inicialmente este cargo foi ocupado por Francisco Campos. Alguns anos depois Francisco Campos assume a pasta da justiça e é sucedido na educação por Gustavo Capanema, que ali permanece na função até o fim do Estado Novo, ou seja, de 1934 a 1944.

Devido à quase inexistência de um sistema organizado de educação pública no país, havia, desde o início da década de 1920, um amplo espaço para um movimento nacional em prol da educação. Em 1924 é criada a Associação Brasileira de Educação [ABE], que, desde então, se encarrega de organizar conferências nacionais, publicações e outras iniciativas com o objetivo de criar um alinhamento nacional neste campo. É quando ocorrem no Brasil várias reformas da educação em âmbito local ou provincial, renovando o entendimento da educação e os métodos de ensino. A discussão que se estabelece na década de 1920 acaba por permitir a cristalização de alguns pontos de vista e a formação de projetos educacionais em oposição. Dentre eles se destacam o movimento dos educadores signatários do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova,<sup>100</sup> por um lado, e por outro o dos educadores ligados à igreja católica.

O movimento da escola nova estava organizado ao redor de um conjunto de temas e nomes. Gente como Fernando de Azevedo, Lourenço Filho e Anísio

---

<sup>100</sup>O conhecido *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova* é assinado por 26 educadores: Fernando de Azevedo; Afrânio Peixoto; A. de Sampaio Dória; Anísio Spinola Teixeira; M. Bergstrom Lourenço Filho; Roquette Pinto; J. G. Frota Pessoa; Júlio de Mesquita Filho; Raul Briquet; Mario Casassanta; C. Delgado de Carvalho; A. Ferreira de Almeida Jr.; J. P. Fontenelle; Roldão Lopes de Barros; Noemy M. da Silveira; Hermes Lima; Attilio Vivacqua; Francisco Venâncio Filho; Paulo Maranhão; Cecília Meireles; Edgar Sússekind de Mendonça; Armanda Álvaro Alberto; Garcia de Rezende; Nóbrega da Cunha; Paschoal Lemme; Raul Gomes.

Teixeira, que tinham na escola pública, universal e gratuita sua grande bandeira. Para estes, a educação deveria ser proporcionada a todos — uma mesma educação para todos — deixando que as diferenças individuais e talentos pessoais florescessem num contexto de igualdade de oportunidades.

Caberia ao setor público dar conta da tarefa da educação do povo: o ensino público e naturalmente leigo, cuja principal função seria formar o cidadão livre e consciente, pronto para incorporar-se ao grande Estado Nacional em que o Brasil estava se tornando.

Além destes grandes princípios, esse grupo incorporava uma série de procedimentos pedagógicos “novos” e nada autoritários, para a transmissão de conhecimentos, esforçando-se para se aproximar dos processos mais criativos e menos rígidos de aprendizagem que estavam sendo discutidos em várias partes do mundo. Havia também uma preocupação em não isolar a educação de outros aspectos da vida comunitária, procurando evitar que sua vinculação ao setor público implicasse alguma dependência em relação a uma burocracia complexa e distante.

O movimento da renovação católica também se estrutura na década de 1920, tendo como seus principais líderes Jackson de Figueiredo e Alceu Amoroso Lima. Amoroso Lima foi o organizador do Centro D. Vital e teve, por muitos anos, como seu principal meio de expressão a revista *A Ordem*.<sup>101</sup>

A proclamação da república obrigou a igreja católica no Brasil a renovar sua organização e restabelecer sua influência social. Neste processo tem grande destaque Dom Silvério, arcebispo de Diamantina, que desde cerca de 1890 logrou alcançar resultados positivos com um processo de crescente envolvimento de leigos das camadas médias urbanas na defesa dos interesses da igreja.

Quando os principais representantes da renovação católica inicialmente se opõem e, posteriormente, passam a pressionar o governo provisório pós-1930 para que fossem tomadas medidas que favorecessem, por exemplo, o ensino religioso nas escolas, é com esse imenso grupo de voluntários leigos que a igreja contará para obter suas vitórias em numerosos embates públicos.

---

<sup>101</sup>O Centro D. Vital, ligado a Arquidiocese do Rio de Janeiro, inspirou e organizou intelectuais católicos de todo o Brasil, congregando e difundindo o pensamento católico brasileiro em publicações e eventos de abrangência nacional.

Durante a década de 1930, em relação direta com as mudanças na conjuntura política, os intelectuais engajados com a renovação católica farão oposição aos educadores escolanovistas. Principalmente a Anísio Teixeira, que obtivera grande destaque nacional com sua gestão frente à instrução pública do Distrito Federal. Em certos momentos os escolanovistas foram taxados como perigosos comunistas, uma ameaça à nação que deveria ser combatida e eliminada.

Mal iniciada a revolução, Alceu Amoroso Lima diria do movimento: “obra da Constituição sem Deus, da escola sem Deus, da família sem Deus”. Um ano após, inaugurando a imagem de Cristo no Corcovado, o Cardeal Leme diria à multidão que, “ou o Estado reconhece o Deus do povo, ou o povo não reconhece o Estado”.<sup>102</sup>

Os autores do livro *Tempos de Capanema* traçam um painel claro e conciso dos interesses em disputa:

O que dava à educação naqueles tempos a relevância política que ela já não mantém era a crença, por quase todos compartilhada, em seu poder de moldar a sociedade a partir da formação das mentes e da abertura de novos espaços de mobilidade social e participação. Havia os que preferiam a educação humanística sobre a técnica; os que defendiam o ensino universal contra os que preferiam escolas distintas para cada setor da sociedade; os que se preocupavam com o conteúdo ético e ideológico do ensino contra os que favoreciam o ensino agnóstico e leigo. Havia os defensores da escola pública e os guardiões da iniciativa privada; os que punham toda ênfase na formação das elites e os que davam prioridade à educação popular. Todos concordavam, contudo, que optar por esta ou aquela forma de organização, controle ou orientação pedagógica significaria levar a sociedade para rumos totalmente distintos.<sup>103</sup>

Os diferentes sentidos da correspondência pessoal em Fernando de Azevedo e Serrano ficam mais evidentes ao se levar em conta este momento político. Numa carta de 1932, Fernando de Azevedo informa a Serrano que os paulistas se preparavam para um confronto armado: “...estamos há vários dias em preparativos de luta. Talvez de luta armada. A situação é de gravidade extrema”.<sup>104</sup> Porém, o motivo desta correspondência de 9 de julho de 1932 foi menos a luta armada, planejada e levada a cabo pelos paulistas, como se sabe, e mais o livro de Serrano,

---

<sup>102</sup>Schwartzman, S. e H. Bomeny, et al. *Tempos de Capanema*. São Paulo; Rio de Janeiro: Paz e Terra; Fundação Getúlio Vargas. 2000. p. 73

<sup>103</sup>Schwartzman, S. e H. Bomeny, et al. *Tempos de Capanema*. São Paulo; Rio de Janeiro: Paz e Terra; Fundação Getúlio Vargas. 2000. p. 69

<sup>104</sup>Azevedo, F. *Carta de 9 de julho de 1932. Rebates críticas de Serrano e fala da luta armada em SP*. Fundo Jonathas Serrano do Arquivo Nacional. Rio de Janeiro: 9/6/1932, p.1-4. 1932. (Carta original manuscrita)

recém publicado, intitulado Escola Nova. Tratava-se de um comentário provocado pelo Manifesto dos Pioneiros, encabeçado por Fernando de Azevedo, fonte de uma enorme polêmica educacional e de crítica intensa do grupo da renovação católica. O manifesto não foi assinado por Serrano, mas ele escreve um livro para tentar justificar sua posição frente a companheiros escolanovistas, católicos e demais educadores. Nesta carta o paulista Fernando de Azevedo discorda das críticas feitas pelo antigo colaborador ao manifesto:

Lamento não poder concordar com o amigo no julgamento do "manifesto", relativamente a alguns pontos essenciais que destacou e entendeu classificar de "erros e exageros". Mas compreendo, sem aceitá-la, a sua crítica, nesse [ponto?], veemente, mas lógica, do ponto de vista em que se colocou para encaminhar a questão. Aliás, dadas as suas convicções religiosas, não me surpreenderam essas divergências, que já conhecia e justo esperava, como não me surpreendeu essa arte difícil, tão sua, com que me habituei, de dissentir sem magoar, e de manter, na oposição de doutrinas, um cavalheirismo irrepreensível e uma cordialidade comunicativa nas suas relações particulares.<sup>105</sup>

Serrano havia assumido como subtítulo para o seu livro: “uma palavra serena num debate apaixonado”, com isso optando por estar nem totalmente a favor de um lado nem de outro.

Azevedo concorda com o subtítulo escolhido pelo companheiro carioca e desabafa: “até agora havíamos sido combatidos em artigos em que as perfídias, as insinuações e o ataque direto, isolado ou simultaneamente, tomaram o lugar às idéias, aos fatos e aos argumentos”. Como afirma Azevedo referindo-se aos críticos do Manifesto: “...alguns foram de uma censura infantil, outros, de espírito mais sério, de uma agressividade panfletária”. Para, logo em seguida, elogiar o tom da crítica feita por Jonathas Serrano:

O sr. — e com isso não espantou a ninguém, mas edificou a todos —, preferiu expor, argumentar e discutir. Se o seu trabalho, tão bem planejado como bem escrito, não me rendeu às suas convicções, a maneira segura e polida, como as defendeu, me submeteu ainda mais à amável sedução de seu espírito.<sup>106</sup>

---

<sup>105</sup>Azevedo, F. Carta de 9 de julho de 1932. Op. cit. Obviamente a posição de Serrano, indeciso entre os dois lados da contenda, tornava-se frágil e incompleta, como se pode perceber na fina ironia de Azevedo no final do trecho citado.

<sup>106</sup>Azevedo, F. Carta de 9 de julho de 1932. Op. cit.

Essa é uma das poucas cartas em que Azevedo se dirige a Serrano sempre como “Dr.” ou como “sr.”, pouco se encontra nestas quatro páginas do seu modo habitual de tratar a Serrano como “caro amigo” e outras mesuras mais, o que deixa transparecer seu descontentamento com a situação.

Depois há um hiato na correspondência entre os dois. O silêncio é interrompido três anos depois, após 1935, pelo próprio Azevedo: “...já se alongava demais o silêncio que se fez entre nós, sem dúvida por circunstâncias independentes de nossa vontade”, escreve o educador paulista, reiniciando uma intensa colaboração com Serrano através da troca de correspondências.<sup>107</sup>

Fernando de Azevedo e Jonathas Serrano eram grandes amigos. Amigos na luta por uma educação melhor, como atesta Virgílio Corrêa Filho, relatando o choque vivido por Azevedo ao saber da morte do professor Serrano:

Não admira a carta em que, ao ter ciência do ocorrido, Fernando de Azevedo registrou a sua emoção, ao calor do choque recebido, para recordar a prestante colaboração de o seu imediato auxiliar na reforma do ensino carioca.<sup>108</sup>

Até nas coisas mais prosaicas sempre estiveram juntos, apoiando-se. Um exemplo é o favor que Azevedo pediu a Serrano enquanto escrevia estudo sobre a cultura brasileira.

---

<sup>107</sup>Azevedo, F. Carta de 14 de abril de 1935. Agradece livro enviado. Fundo Jonathas Serrano do Arquivo Nacional. Rio de Janeiro: 14/4/1935. 1935. (Carta original manuscrita)

<sup>108</sup>Correa Filho, V. Nota sobre Jonathas Serrano publicada após sua morte. Fundo Jonathas Serrano do Arquivo Nacional. 1944. (Recorte de jornal não identificado) Infelizmente, mesmo após várias buscas, não encontrei a referida carta.

Meu caro Dr. Serrano,  
 Permita-me a liberdade de lhe fazer um pedido. Estou trabalhando na organização das ilustrações para meu livro “Cultura Brasileira” (Introdução ao Estudo da Cultura no Brasil). Os índices de nomes e de assuntos, índices alfabéticos e remissivos, já estão terminados e revistos, e quase concluído o trabalho que me propus, de coligir e selecionar as fotos e as gravuras para a ilustração. Preciso agora de uma fotografia da antiga e atual residência da Companhia de Jesus, em Anchieta, no Espírito Santo. Vi uma, à página 78, no excelente livro do Pe. Aristides Greve. Mas, muito pequena, não se presta à reprodução. Pode obter-me, com os jesuítas de Anchieta uma boa fotografia daquela antiga residência?<sup>109</sup>

A delicadeza do texto de Fernando de Azevedo está em pedir urgência sem uma palavra ou expressão que fizesse Serrano sentir-se pressionado. Há um modo suave de, ao informar sobre o andamento dos trabalhos de preparação do livro, dar a entender que a foto precisaria ser encontrada imediatamente. Sabia Azevedo que, sendo Serrano um intelectual de profundas raízes católicas, inclusive dispondo de uma rede de comunicação atuante no Brasil e no exterior, encontraria meios de ajudá-lo.

Tão logo recebe a carta, Serrano acolhe o pedido do amigo. A solução seria ainda mais rápida do que poderia supor Azevedo. No mesmo dia Serrano trata de escrever a um primo seu, o Pe. Fernando, por coincidência um religioso da Companhia de Jesus, naquele momento vivendo na antiga residência dos jesuítas em Anchieta, no Espírito Santo! Ou seja: na mesma casa da qual se queria obter uma fotografia.

---

<sup>109</sup>Azevedo, F. Carta de 18 de setembro de 1942. Solicita foto da residência de Anchieta. Fundo Jonathas Serrano do Arquivo Nacional. Rio de Janeiro: 18/9/1942. 1942. (Carta original manuscrita) A carta, desta vez, veio em papel timbrado com os dizeres *Biblioteca Pedagógica Brasileira - Direção de Fernando de Azevedo - Companhia Editora Nacional*. Azevedo teve a oportunidade de dirigir várias publicações, algumas coleções importantes, inclusive a conhecida série *Brasiliana*, pela qual publicou um importante ensaio de Jonathas Serrano sobre o filósofo cearense Farias de Brito. Serrano, J. Farias Brito. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1939. (Coleção Brasiliana) O livro de caráter biobibliográfico escrito por Jonathas Serrano, é uma das mais importantes obras do autor. A este livro se dirigiu Alceu de Amoroso Lima, numa das sessões da Academia Brasileira de Letras, precisamente a 26 de abril de 1940. E, pouco depois, também numa das suas crônicas para *O Jornal*, também do início de 1940. Dele também trata o Padre Leopoldo Aires nas páginas do *Jornal do Brasil*. A esse respeito, conferir: Amoroso Lima, A. Comunicação a Academia Brasileira de Letras, a propósito do volume Farias Brito. Jornal do Commercio. Rio de Janeiro: 29/4/1940, p.5. 1940; e também: Aires, Pe. L. A obra de Jonathas Serrano. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro: 19/5/1940, p.6. 1940. Em seu artigo, após vários elogios, o Padre Leopoldo Aires defende a entrada de Serrano para a Academia Brasileira de Letras e o coloca ...entre os nomes mais significativos da cultura e das letras nacionais.

Apenas quatro dias depois de Azevedo fechar seu envelope, escreveu Serrano:

Muito prezado primo e amigo padre Fernando.

Venho solicitar de sua boa vontade um obséquo, contribuição valiosa para uma homenagem a essa residência justamente célebre, em que viveu os seus últimos anos o extraordinário Anchieta. Trata-se do seguinte: Fernando de Azevedo, diretor da Brasiliana, está organizando as ilustrações para o seu volume “Introdução ao Estudo da Cultura no Brasil”, em que presta a devida justiça ao papel relevante da Companhia, e em especial [a] Nóbrega e Anchieta. Escreve-me agora de S. Paulo, pedindo com urgência que eu obtenha dos meus amigos daí uma boa fotografia dessa antiga residência. Textualmente diz ele: “Vi uma no excelente livro de Pe. Aristides Greve. Mas, muito pequena, não se presta à reprodução”. (...) Muito agradeço, em meu nome e no de Fernando de Azevedo, antecipadamente, qualquer contribuição, ou sugestão aproveitável, com a urgência que o caso exige, por estar já em provas o trabalho.

Pode enviar a resposta e — se possível — a fotografia — para o meu endereço (Rua Pires de Almeida 15, ap. 40, Laranjeiras, Rio) ou diretamente ao Dr. Fernando de Azevedo, Companhia Editora Nacional, Rua Gusmões, 639, S. Paulo. Nesta última hipótese, seria grande gentileza do primo e amigo prevenir-me, para não ficar eu em dúvida quanto ao resultado deste pedido.<sup>110</sup>

Serrano, valendo-se da relação de parentesco, trata da questão de forma bem mais objetiva. Pelo teor da sua escrita, fica claro que entendera a pressa do pedido. Aliás, essa objetividade no trato das questões é uma característica da correspondência expedida por Jonathas Serrano e também da sua atuação como educador e homem público. Econômico no estilo, sem rodeios. Desse modo é que ele redige também seus livros, uma marca que se acentua com a passagem do tempo e o amadurecimento do educador. Sempre abordando seus temas de forma polida, mas indo direto ao ponto. Neste caso, por exemplo, não omite suas condições, ao mesmo tempo fazendo ver as vantagens para o primo e para a própria Companhia de Jesus ao atender o obséquo, colaborando com um intelectual de renome e coordenador da Brasiliana.

Para não deixar o problema sem solução efetiva, apenas transferindo-a para a boa vontade de um terceiro — o Pe. Fernando... —, Serrano continua sua busca por uma fotografia que atendesse às especificações de Azevedo entre seus conhecidos no Rio de Janeiro. Na margem inferior da cópia da carta enviada ao

---

<sup>110</sup>Serrano, J. Carta ao Pe. Fernando, de 22 de setembro de 1942. Fundo Jonathas Serrano do Arquivo Nacional. Rio de Janeiro: 22/9/1942. 1942. (Original datilografado de carta)

primo no Espírito Santo, está anotado a lápis: “26 Set. - mandei fotografia obtida com o Pe. Franca”.<sup>111</sup> Um dia a menos de quantos precisou o seu primo para resolver o problema em Anchieta. Pois, o Pe. Fernando escreveu a Serrano no dia 27 de Setembro:

*Mandei hoje, diretamente para evitar demoras, a fotografia que o Dr. Fernando de Azevedo pediu por seu intermédio. A fotografia da igreja e da residência jesuíta e da cela do Venerável. [referindo-se ao padre Anchieta]*<sup>112</sup>

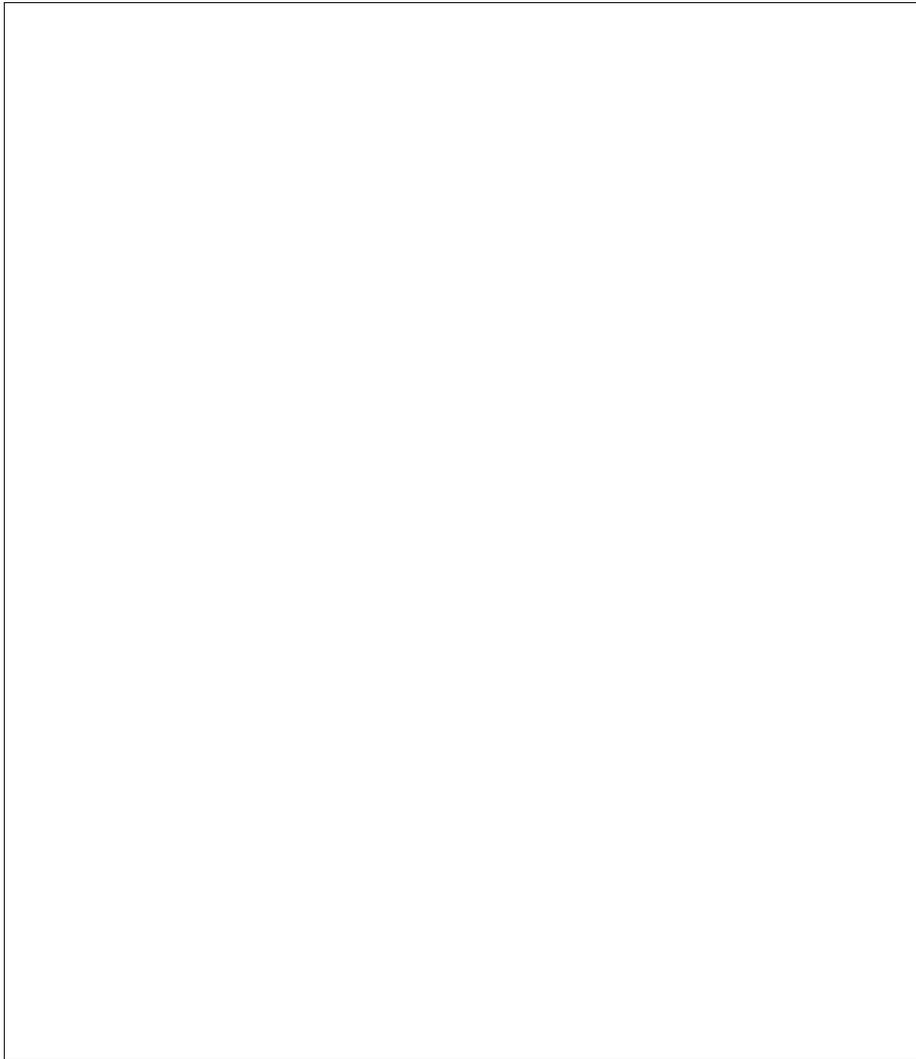
Deste modo Serrano conseguiu enviar a Azevedo, num curto prazo, pelo menos três diferentes fotos, três diferentes alternativas, para o livro. Esse lado prestativo e dedicado aos amigos era uma forte marca da personalidade de Serrano, que o fazia bem ajustar-se bem a um determinado modo de fazer política no Brasil desta época e que lhe valeu uma trajetória profissional tranqüila durante toda a década de 1930.

---

<sup>111</sup>Pe. Leonel Franca, intelectual católico radicado no Rio de Janeiro, com o qual Jonathas mantinha intenso relacionamento.

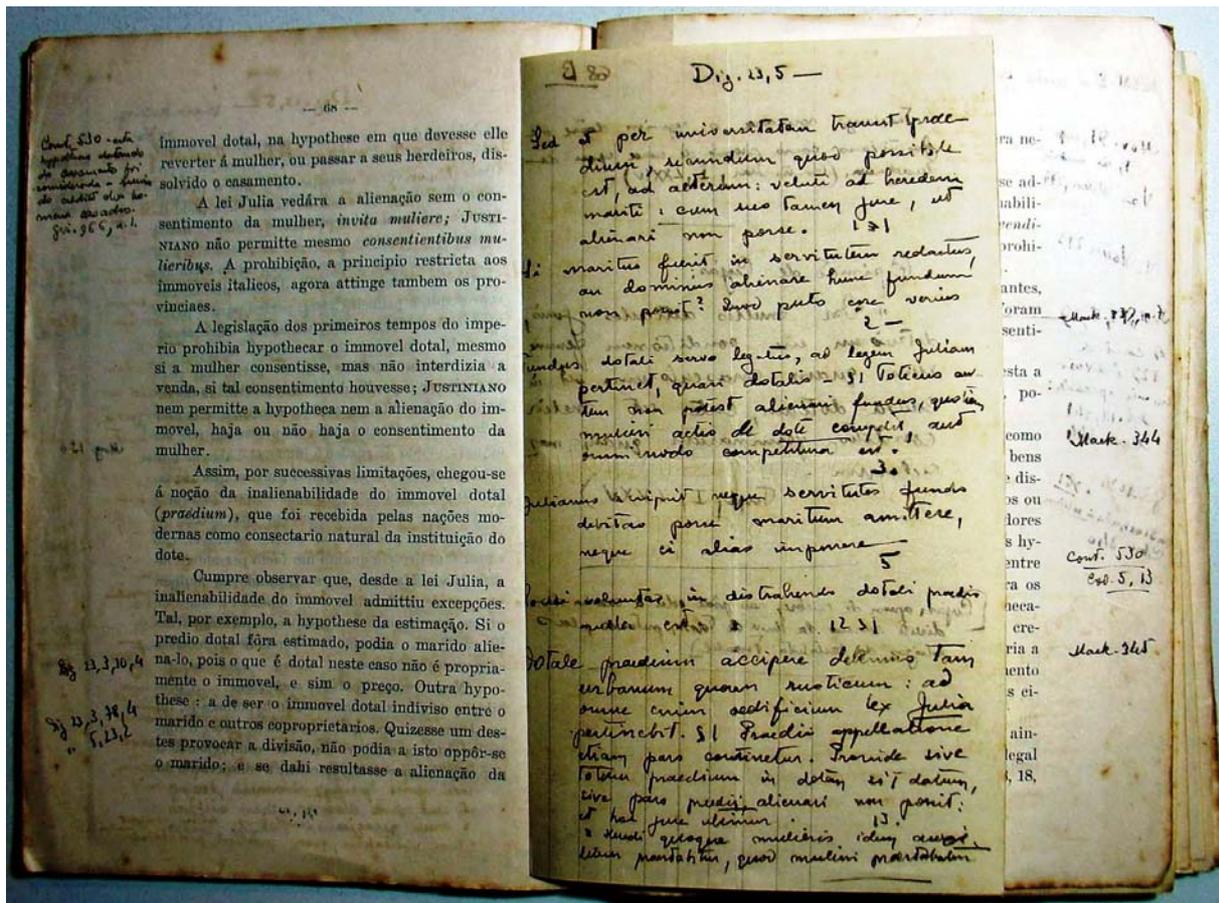
<sup>112</sup>Pe. Fernando. Carta de 27 de setembro de 1942. Fundo Jonathas Serrano do Arquivo Nacional. Anchieta: 27/9/1942. 1942. (Original manuscrito de carta)

***BILHETE DE FERNANDO DE AZEVEDO A JONATHAS SERRANO***



Com letra caprichada, num bilhete remetido do Hotel Central, Fernando de Azevedo agradece “ao ilustre amigo Dr. Jonathas Serrano”, as felicitações recebidas.

TESE DE CONCURSO COM ANOTAÇÕES PARA ARGÜIÇÃO



Tese elaborada por Jonathas Serrano para o concurso de 1921. Neste exemplar, destaca-se o cuidadoso trabalho de preparação para a argüição, com anotações na lateral das páginas e a inserção de folhas coladas entre as folhas impressas, onde ele dá maior detalhamento a algumas das questões tratadas no texto entregue à banca examinadora.

### 3.6 Proteção aos amigos, guerra aos inimigos

Com o seu jeito solícito, sempre disposto a facilitar, Serrano se esforçava para dar conta de todos os pedidos que recebia. Entre os papéis que conservou estão inúmeras solicitações de favores aos quais ele procurava sempre atender. Estão lá os pedidos de alunas da escola normal, para que o professor Serrano contribua com suas rifas de formatura, mas também os bilhetes de senadores e outras pessoas influentes, em busca de favorecimentos com os quais estão obrigados a lidar os gestores públicos. Jonathas Serrano atendeu a muitos destes pedidos, e também ocupou muitos cargos. Além de Sub-Diretor Técnico da Instrução Pública, como indicado acima, foi membro do Conselho Superior de

Ensino do Estado do Rio de Janeiro, desde 1914. Foi professor de História da Civilização na antiga Escola Normal do Distrito Federal — depois Instituto de Educação —, desde 1916 até 1931, sendo que, de 1927 a 1928 dirigiu essa mesma instituição.<sup>113</sup> É de lá que segue para o trabalho com Fernando de Azevedo na Diretoria Geral de Instrução Pública do Distrito Federal e depois para vários cargos comissionados junto ao governo federal, no Ministério da Educação, durante as gestões de Francisco Campos e Gustavo Capanema, como veremos adiante.

Serrano também atuou como professor substituto da Faculdade de Direito do Estado do Rio de Janeiro, situada em Niterói, desde 1921, quando foi aprovado em primeiro lugar num concurso para provimento do cargo. Em meio aos seus papéis pessoais, conservou recortes de jornais da época, com notícias sobre o concurso. Como uma que foi publicada pelo Jornal do Commercio em 27 de setembro de 1921, onde se lê:

Encerrou-se no sábado último o concurso da Faculdade de Direito de Niterói, para o preenchimento da vaga da cadeira de Filosofia do Direito Romano, a que compareceram o Desembargador Affonso Cláudio e o Dr. Jonathas Serrano. A congregação, reunida para deliberar, resolveu considerar habilitados ambos os candidatos e classificou em primeiro lugar o Dr. Jonathas Serrano, e em segundo lugar o Desembargador Affonso Cláudio.<sup>114</sup>

A partir de 1926, Serrano tornou-se Professor Catedrático de História da Civilização do Colégio Pedro II, cargo que exerceu até a sua morte. O concurso no qual conquistou a colocação ganhou espaço na imprensa do Distrito Federal. Reunindo os recortes de jornal e as anotações pessoais colecionadas por Serrano, é possível perceber que a seleção foi bastante difícil e disputada. Analisando o comportamento de Serrano no processo deste concurso podemos compreender melhor sua personalidade e a forma como atuava para resolver os problemas com os quais se comprometia, assim como o contexto político-social da capital da república.

Pelos procedimentos adotados para este concurso, inicialmente, os candidatos apresentaram à comissão examinadora duas teses escritas, uma delas, com tema de livre escolha dos candidatos, em cuja argüição Jonathas Serrano acabou como a maior pontuação, como noticiou a imprensa:

---

<sup>113</sup>Serrano, J. Anotações autobiográficas. Fundo Jonathas Serrano do Arquivo Nacional. Rio de Janeiro: 11/1935, p.1-5. 1935. (Original manuscrito)

<sup>114</sup>FJS/AN. Nota sobre o concurso na Faculdade de Direito de Niterói. Fundo Jonathas Serrano do Arquivo Nacional. Rio de Janeiro: . 1921. (Recorte do Jornal do Commercio)

Foi argüido na noite de ontem, perante a congregação do Colégio Pedro II, na tese de livre escolha “O ensino da história na formação do caráter”, apresentada ao concurso para o provimento na cadeira de história universal o Dr. João Batista de Mello e Souza. (...) Foram essas as notas conferidas pela mesma [comissão examinadora]: Silvestre e Gabaglia 7; Delpech 8; Couto 9. Pela soma das notas conferidas pela comissão examinadora aos dois últimos candidatos, Drs. Rego Monteiro e Jonathas Serrano, podemos fazer a seguinte classificação: Jonathas Serrano, 35 pontos; Rego Monteiro, 32 pontos; Mello e Souza 31 pontos.<sup>115</sup>

Para o ponto de livre escolha, pelo qual Serrano foi tão bem avaliado, ele escolhera abordar “O movimento corporativo na França Medieval”. Mas, Serrano também foi bem sucedido no ponto escolhido pela banca, como informou a imprensa:

Chamado à defesa da segunda tese apresentada ao concurso de História Universal no Colégio Pedro II, compareceu na noite de ontem o professor Jonathas Serrano. A tese, sorteada para todos os candidatos, versou sobre “A idéia de independência na América”.

O pretendente a uma das vagas de professor catedrático daquela disciplina [Jonathas Serrano] percorreu obtendo agora, da comissão examinadora, as seguintes notas: Delpech e Silvestre 7; Gabaglia e Couto 10; num total de 34 pontos contra 35 da vez passada [da apresentação da tese de tema livre].

Houve nesse julgamento um incidente interessante, provocado pelas palmas frenéticas da assistência, quando o professor Gabaglia conferiu o grau dez ao candidato [Jonathas Serrano].

Dada a insistência do auditório, que parecia delirar, o presidente da mesa e diretor do externato, Dr. Euclides Roxo, inadvertidamente quis suspender a votação, para continuá-la em sala reservada, ao que o professor Floriano de Brito lembrou que a lei mandava proceder as provas publicamente, o que se fez.<sup>116</sup>

Para Jonathas Serrano, no entanto, as aventuras trazidas por esta seleção não se encerrariam por aí. Mesmo tendo sido selecionado em primeiro lugar, com a pontuação mais alta, sua aprovação foi objeto de um recurso impetrado pelo terceiro colocado, Mozart Monteiro. Em meio aos papéis com anotações pessoais que foram conservados por Serrano, encontra-se uma folha de rascunho onde está manuscrita uma versão do recurso por ele apresentado frente ao que sucedeu:

Concurso de História Universal do Colégio Pedro II

Foi classificado em 1º lugar o candidato Jonathas Serrano, com média 9 23/47. O candidato Mello e Souza, classificado em 2º lugar, com média 8 54/57, já foi

<sup>115</sup>FJS/AN. O concurso de História Universal no Pedro II. Fundo Jonathas Serrano do Arquivo Nacional. Rio de Janeiro: s/d . 1926. (Recorte de jornal não identificado)

<sup>116</sup>FJS/AN. Concurso de História Universal do Pedro II. Fundo Jonathas Serrano do Arquivo Nacional. Rio de Janeiro: s/d . 1926. (Recorte de jornal não identificado)

nomeado, devendo tomar posse no dia 11 do corrente. O candidato Jonathas Serrano não foi ainda nomeado, alegando-se que há recurso do 3º classificado, o Sr. Mozart Monteiro, que pretende ser promovido numa das duas vagas existentes. Ora o candidato Jonathas Serrano foi classificado em 1º lugar e devia ser o 1º nomeado para a 1ª vaga, por disposição expressa de lei: art. 170 do Decreto 16.782 A, que determina: “o candidato escolhido... será o que tenha obtido maior média”. O candidato Mozart Monteiro, além de ter ficado em 3º lugar, teve média inferior a 8 (7 41/57).

A nomeação do Sr. Mello e Souza implica a aprovação do concurso e portanto obriga à nomeação do 1º candidato, Jonathas Serrano, por disposição taxativa da lei.<sup>117</sup>

A reclamação contra a aprovação de Serrano baseava-se no fato de ele estar acima da idade permitida para ingressar no quadro de professores do colégio. Tendo ele nascido em 1885 e o concurso se realizado em 1926, estava, portanto, quando aprovado, com um ano de idade a mais que o permitido: 41, quando o edital pedia menos de 40. Foram suas habilidades jurídicas que facilitaram a solução do problema. Como se pode observar em outra de suas folhas de rascunho, Serrano defendeu que a idade deveria ser verificada no momento da abertura da vaga e não naquele, da realização das provas, no qual se fundamentava o argumento do reclamante.

[parágrafo datilografado] A inscrição do candidato Jonathas Serrano foi feita de acordo com a letra C do art. 151 do Dec. 16.782 A, (...). A sua inscrição foi aprovada pela Congregação. Aliás, o candidato, no momento da verificação da vaga contava 39 anos, estando dentro, também por esse lado, das condições legais de inscrição [o texto segue manuscrito] (art. 318, letra D do Regimento Interno do Colégio Pedro II). O artigo 318, pré-citado, diz que: os candidatos que estão em geral incluídos na letra D devem ter menos de 40 anos no momento em que haja ocorrido a vaga por desdobramento ou criação da cadeira... etc. Ora, a cadeira de História foi desdobrada em dias (História Universal e História do Brasil) em virtude do Decreto 16.782 A (que é de 13 de janeiro, publicado em abril de 1925) e nessa ocasião o candidato Jonathas Serrano ainda não completara 40 anos, tendo nascido a 8 de maio de 1885.<sup>118</sup>

O candidato Jonathas Archanjo da Silveira Serrano, filho do Capitão de Mar e Guerra Frederico Guilherme de Souza Serrano e Ignez da Silveira Serrano, estava com a razão.<sup>119</sup> Em seu discurso de posse como professor catedrático do

---

<sup>117</sup>Serrano, J. Anotações pessoais com rascunho de alegação sobre aprovação no concurso do Colégio Pedro II e nomeação de candidatos. Fundo Jonathas Serrano do Arquivo Nacional. Rio de Janeiro: s/d. 1926. (Documento original manuscrito)

<sup>118</sup>Serrano, J. Anotações pessoais sobre recurso do 3o. colocado no concurso do Colégio Pedro II. Fundo Jonathas Serrano do Arquivo Nacional. Rio de Janeiro: s/d. 1926. (Documento original, parte datilografado parte manuscrito)

<sup>119</sup>Serrano, J. Anotações autobiográficas. Op. cit.

Pedro II, ele relembra todas as suas passagens pela instituição e retoma os acontecimentos, de forma irônica, reafirmando princípios e valores aos quais se esforçava para associar sua figura pública: “...hoje sorrio ao pensar em curiosidades recentes e incertezas calculadas de há pouco” ele inicia, para continuar rememorando:

Aqui [no Externato Pedro II] iniciei o curso secundário. Nesta casa venci as primeiras pugnas intelectuais de maior dificuldade. Prestei aqui os exames necessários ao ingresso no vestibulo de uma Faculdade. A que optei, aqui naquele tempo funcionava e aqui, portanto, fui acadêmico, eu que já fora aqui estudante secundarista e do preparatório. Aqui coleí grau e recebi prêmios, aqui sofria a ansiedade dos exames; como a outra menor das sabatinas.<sup>120</sup>

Serrano fez curso superior de 1905 a 1909. Diplomou-se em 1909, em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro, obtendo distinção em todas as cadeiras e ganhando o Prêmio Conselheiro Portela (Medalha de Ouro) por ter alcançado as melhores notas de sua turma.

Sobre as dificuldades do concurso que acabara de enfrentar, acrescenta: “...e aqui ainda quis Deus que experimentasse a outra [provação], maior que todas, de um renhido concurso”, partindo para uma fala mais dura com relação ao que havia vivido no processo:

Senhores, se a coerência entre palavras e atos é virtude, eu me sinto bem em recordar perante vós, neste momento, que já em 1915, faz agora onze anos, escrevi pelas colunas de um de vossos diários o que sempre julguei do valor dos concursos. Discordando da opinião de Ruy Barbosa — que dos concursos foi constante e extremo adversário — dizia eu que, apesar das múltiplas objeções e dos reais inconvenientes que não raro se deparam na prática, o concurso é o menos defeituoso e o mais solene dos processos de seleção. (...) Concurso bem feito assusta e afasta incompetentes; e os que acaso se aventuram às surpresas do desconhecido sem o devido preparo, têm no amargor do ridículo a justa pena da temeridade. Ainda hoje, volvidos mais de dez anos, não mudei de opinião. Perdoai-me lembrar-vos que, nesse intervalo, fiz três concursos e de nenhum me queixo.<sup>121</sup>

Mas, como Serrano afirma: “...do último aqui prestado, particularmente me ufano”. Se o caminho foi áspero e grande o esforço empregado, “...mais doce é a

---

<sup>120</sup>Serrano, J. Discurso proferido pelo Dr. Jonathas Serrano ao ser empossado no cargo de Professor Cathedrático do Colégio Pedro II. Op. cit

<sup>121</sup>Serrano, J. Discurso proferido pelo Dr. Jonathas Serrano ao ser empossado no cargo de Professor Cathedrático do Colégio Pedro II. A escola primária, v.X, p.211-213. 1926. p. 211

polpa do fruto ambicionado e colhido afinal, mercê de Deus, na plenitude da justiça graças ao *veredictum* da vossa consciência de juízes”. A oportunidade de se manifestar publicamente sobre o fato é aproveitada por Serrano para se colocar como pessoa de princípios sólidos, com coragem para assumí-los e por eles lutar. Se aos amigos ofertava a proteção, aos inimigos oferecia a guerra.

Sabeis que não sou amigo de hipérboles e entusiasmos fáceis; mas não compreendo o silêncio acomodaticio nem que se possa ser plenamente homem sem profundas e bem afreidas convicções, e muito menos sem a nobre coragem de manifestá-las.<sup>122</sup>

Para Serrano, essas características de sua personalidade se assemelhavam à da profissão que havia escolhido, pois “...paciência, tenacidade, discernimento, senso psicológico, imparcialidade sem indiferença” seriam algumas das tremendas exigências colocadas ao ofício do professor de História.

Nem se confunda a serenidade de julgamento com o ceticismo de quem não possuísse uma escala de valores humanos, nem tampouco a severidade no profligar com as veementes retóricas incompatíveis com a linguagem de verdadeira ciência. (...) Sem ocultar minhas repensadas convicções filosóficas deixando bem claro aqui desde as primeiras provas a sinceridade do meu credo religioso...<sup>123</sup>

No discurso, para encerrar, revela e assume a formação humanista de tradição católica, sem perder o patriotismo que caracterizou os principais expoentes do seu tempo.

E parece-me sentir ainda, sem fantasia oratória, mas real e impressionante, a alma mesma da pátria que nos vê e de nós espera a afirmação resoluta de que vamos trabalhar, de que temos consciência da nossa responsabilidade, com fé, com otimismo, com estudo, com entusiasmo, pelo Brasil maior que nos cabe ir plasmando.<sup>124</sup>

Desde a aprovação no certame do Colégio Pedro II, os concursos já não foram mais os mesmos para Serrano. Se assumir o cargo de Professor Catedrático do Externato Pedro II e a direção da Escola Normal facilitou a sua chegada à Sub-Diretoria Técnica de Instrução do Distrito Federal, por outro lado, foram, muito

---

<sup>122</sup>Idem. p. 212. Não encontramos referência ao vocábulo *afreidas* em dicionários atuais da língua portuguesa.

<sup>123</sup>Idem. p. 212. Verbete: profligar [Do lat. profligare.] V. t. d. 1. Lançar por terra; abater, prostrar, destruir, derrotar.

<sup>124</sup>Idem. p. 213

provavelmente, os dissabores decorrentes dos concursos para professor de sociologia e de literatura da Escola Normal que o levaram a retirar-se do trabalho junto a Fernando de Azevedo, já no final da gestão deste último à frente da DGIP/DF.

Desta vez Serrano não era o candidato e sim o responsável pela seleção para a qual se inscreveu, dentre outros, seu amigo Alceu Amoroso Lima. O próprio Amoroso Lima explica o acontecimento em carta de setembro de 1930, onde requeria ao Diretor Geral de Instrução, Fernando de Azevedo, que os exames fossem realizados uma segunda vez:

Ilmo. Sr. Dr. Fernando de Azevedo  
D. Diretor Geral de Instrução Pública  
Tendo um dos candidatos do concurso de Sociologia da Escola Normal manifestado receio de que a presença de examinadores católicos na banca do referido concurso, [venha?] favorecer de qualquer modo, não um só, como ele o diz, mas os dois ou três candidatos católicos inscritos — venho, na qualidade de concorrente ao mesmo concurso solicitar de V. Excia. a reorganização da referida banca, no sentido de não ser incluído nenhum examinador católico, a fim de se tranquilizarem os preconceitos do referido candidato.  
Aguardando acolhimento favorável a esta solicitação, subscrevo-me com a maior estima e consideração. Alceu Amoroso Lima<sup>125</sup>

Obviamente, Amoroso Lima se refere com a expressão “católicos” a intelectuais que publicamente manifestavam sua predileção pelo discurso atribuído ao movimento da renovação católica.

Na parte superior esquerda da primeira página da carta está uma anotação de próprio punho de Fernando de Azevedo. Uma orientação ao seu Sub-Diretor: “...Ao Dr. Jonathas Serrano para resolver. Não penso que seja motivo para reorganização da banca. 20/set/30”, escreveu Azevedo.

Os jornais deram ampla cobertura ao debate em torno destes concursos. O Candidato Clóvis Monteiro, aprovado para o cargo de professor de literatura, cuja aprovação foi questionada pelo candidato Oswaldo Orico, explicou ao jornal A Noite:

...tive o ensejo de verificar o escrúpulo com que procede nos concursos o subdiretor técnico da instrução municipal, senhor professor Jonathas Serrano. Sem que me conhecesse pessoalmente e sem que eu o houvesse procurado para lhe dizer

---

<sup>125</sup>Lima, A. A. Carta de setembro de 1930. Fundo Jonathas Serrano do Arquivo Nacional. Rio de Janeiro: 20/09/1930. 1930. (Original de carta manuscrito)

que temia injustiça, porquanto as bancas examinadoras me inspiram sempre toda confiança, deu-me a honra de assistir à minha prova de aula, em vista de ter sido eu o candidato que obtivera a maior nota na prova escrita. Às provas de outros, que haviam obtido notas altas, fui informado que esteve também presente.<sup>126</sup>

Jonathas Serrano viveu e atuou em um contexto histórico de intensa disputa de interesses. No Perfil de Fernando de Azevedo, escrito por Nelson Piletti para a revista Estudos Avançados, em 1994, ele resume o ambiente de debates e disputas, no qual se inseriu a Reforma Fernando de Azevedo. Para o autor, amparando-se também em depoimento de Antônio Cândido, e referindo-se a Fernando de Azevedo, a “...sua obstinação ficou evidente (...) quando lutou tenazmente para modernizar o sistema de ensino, enfrentando poderosos interesses fincados no Conselho Municipal, a famosa 'gaiola de ouro', quando chegou a sofrer um atentado”.<sup>127</sup> Para perseverar em seus ideais estes homens experimentaram dissabores e contrariedades. Assim foi com Serrano, pouco mais de um mês depois dos concursos da Escola Normal, o Diário da Noite noticiava a nomeação de um novo Sub-Diretor Técnico para a Instrução Municipal.

Instrução Pública Municipal tem novo sub-diretor técnico.

O dr. Mozart Monteiro tomará posse amanhã.

Foi exonerado, a pedido, o docente da Escola Normal, bacharel Jonathas Archanjo da Silveira Serrano, do lugar de sub-diretor técnico, em comissão, da Diretoria Geral de Instrução Pública Municipal.

O interventor do Distrito Federal, dr. Adolpho Bergamini nomeou para o mesmo cargo o docente, também da Escola Normal, bacharel Francisco Mozart do Rego Monteiro.<sup>128</sup>

Seu substituto na sub-diretoria era justamente aquele terceiro colocado do concurso para o Colégio Pedro II, que intentara desclassificar Serrano e contra o qual fora-lhe necessário lutar para garantir a vaga almejada. O descontentamento do professor Serrano é tal que leva-o também a demitir-se da Escola Normal, como podemos observar pela resposta que recebeu do diretor da mesma em 31 de março de 1931:

---

<sup>126</sup>FJS/AN. O concurso de literatura da Escola Normal. Fala-nos o professor Clóvis Monteiro, classificado em 1º lugar. Fundo Jonathas Serrano do Arquivo Nacional. Rio de Janeiro: 10/1930. 1930. (Recorte do jornal Diário da Noite)

<sup>127</sup>Piletti, N. Fernando de Azevedo (perfis de mestres). Estudos Avançados, v.8, n.22. 1994. p 182

<sup>128</sup>FJS/AN. A Instrução Publica tem novo Sub-Diretor Thecnico. O Dr. Mozart Monteiro tomará posse amanhã. Fundo Jonathas Serrano do Arquivo Nacional. Rio de Janeiro: 27/11/1930. 1930. (Recorte do jornal A Noite) Grifo meu.

Lamentando embora privar esta Escola de um professor digno e competente como o prezado colega, sou forçado a conceder-lhe a dispensa que solicitou, de regência de turma de História da Civilização, atendendo aos termos decisivos empregados na carta sobre o assunto que me enviou.

Resta-nos o consolo de que futuramente, cessadas as razões de ordem particular que alega, em sua carta, voltará o distinto amigo a prestar os seus valiosos serviços a Escola Normal.<sup>129</sup>

O calvário de Jonathas Serrano prosseguiu pelas sindicâncias nas obras para novos prédios escolares construídos durante sua gestão na DGIP/DF, que foram requeridas pelo seu substituto no cargo de Sub-Diretor Técnico, o Mozart Monteiro.

### 3.7

#### **Próprios escolares: concretização da Reforma Fernando de Azevedo**

Para implantar as medidas preconizadas pela Reforma Fernando de Azevedo, seria necessário dotar o Distrito Federal de uma rede eficiente de escolas e profissionais para realizar a instrução pública. Serrano, enquanto Sub-Diretor Técnico de Instrução Pública e braço direito de Fernando de Azevedo, terá papel de destaque nessa tarefa. Por isso mesmo, a construção de próprios escolares será, após sua exoneração, utilizada como uma arma contra sua gestão.

Ao examinar mais de perto esse ponto, tive grande dificuldade em determinar a quantidade exata de prédios escolares edificadas entre 1928 e 1930. Alguns dados constam do Boletim de Estatística do Distrito Federal, especificamente do Resumo dos Boletins Mensais, Ano I, n. 1, 1928-29, publicado pela Diretoria de Estatística e Arquivo da Prefeitura do Distrito Federal. Ali, à página 32, há informação de que, no ano de 1928, foram iniciadas no município um total de 34 construções em prédios escolares na categoria próprios municipais, das quais 20 foram concluídas neste mesmo ano. Para o ano de 1929, segundo a mesma fonte, foram iniciadas apenas 2 construções, não havendo apontamento de nenhuma conclusão de obra para este período. Com relação a consertos e reparos em instalações escolares, consta que 280 foram iniciados em 1928, dos quais 145 foram concluídos. Em 1929 foram iniciados 121 reparos e

---

<sup>129</sup>Carlos [?]. Carta de 31 de março de 1931. Pedido de dispensa das aulas junto à Escola Normal. Fundo Jonathas Serrano do Arquivo Nacional. Rio de Janeiro: 31/3/1931. 1931. (Original de carta datilografada)

concluídos 47. Tais dados apontam para 1928 como um ano de grandes investimentos em instalações escolares, atingindo, no total, o vultuoso orçamento de 1.031:128\$000.<sup>130</sup>

No Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, encontra-se também o Livro de Atas de Concorrências Públicas para a construção de escolas no município do Rio de Janeiro, pertencente à antiga Diretoria Geral de Instrução Pública do Distrito Federal. O livro foi aberto no ano de 1928 e em sua folha de rosto há um termo de abertura onde foi registrado:

Contêm este livro cem folhas e servirá para a lavratura das atas de concorrências públicas, estando todas as folhas rubricadas por mim com a rubrica que uso [autógrafo não identificado]. Diretoria Geral de Instrução Pública, 14 de maio de 1928.<sup>131</sup>

Ao final da primeira das atas constantes do livro, lavrada no dia 14 de maio, o mesmo em que o livro foi aberto, além dos oficiais designados pela Diretoria de Obras do Distrito Federal para acompanhar o procedimento, o documento também é assinado pelo Segundo Oficial da Diretoria de Instrução Pública, Oscar Athayde, que secretariou essa sessão pública de apresentação de propostas de construção por empresas do setor da construção civil.

A partir da segunda ata lavrada no livro, datada de 23 de Junho de 1928, as assinaturas são encabeçadas por Jonathas Serrano, que ali aparece já como Sub-Diretor Técnico da Diretoria Geral de Instrução Pública, presidindo as sessões de concorrência pública para a construção de escolas no município.

Deste livro — que foi o único deste teor que esta pesquisa localizou —, constam concorrências para as construções de dois grupos escolares; dois edifícios escolares novos, anexos às escolas Paulo de Frontin e Rivadávia Corrêa; a instalação de energia elétrica nos dois grupos construídos e também nos tais anexos; a edificação do Almojarifado e Oficinas da Diretoria Geral de Instrução Pública; mais um grupo escolar e, por fim, o prédio a ser utilizado pela Escola Normal do Distrito Federal (posteriormente denominado Instituto de Educação). Como se pode concluir, uma quantidade bastante inferior ao volume de obras

---

<sup>130</sup>Diretoria de Estatística e Arquivo da Prefeitura do Distrito Federal. Boletim de estatística do Distrito Federal, resumo dos boletins mensais 1928-1929. Prefeitura do Distrito Federal. Rio de Janeiro: 1929. (Ano I, número 1)

<sup>131</sup>AGCRJ. Livro de Atas de Concorrências Públicas para a Construção de Escolas no município do Rio de Janeiro. Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: s/d. 1928

relatado no Boletim de Estatística, citado acima.

As informações sobre o projeto das edificações disponíveis no livro de atas são exíguas, sendo as atas apenas um breve relato da reunião de apresentação das propostas formuladas pelos concorrentes. As propostas, pelo que é informado, sempre eram encaminhadas para análise da administração municipal, cabendo à Diretoria Geral de Instrução Pública, nesta etapa da concorrência, apenas chamar a apresentação das propostas e recolhê-las para serem examinadas por outro órgão.

Algumas das atas trazem recortes de jornal soltos entre as folhas do livro, tratam-se dos editais públicos para a concorrência. Ali se informa sempre “...de acordo com o projeto aprovado por essa diretoria”, indicando que os projetos eram previamente preparados pela administração municipal, e resultantes do trabalho conjunto da Diretoria de Instrução Pública e da Diretoria de Obras, antes de serem motivo de concorrência sob coordenação da Sub-Diretoria Técnica ocupada por Jonathas Serrano.

Não havia projetos em concorrência, mas apenas a execução daqueles já preparados pelos engenheiros da Diretoria de Obras a partir de um plano inicial da equipe da Instrução Pública. A equipe da Diretoria Geral de Instrução Pública estava bastante preocupada com os detalhes arquitetônicos dos projetos de prédios escolares. Ou de próprios escolares, como eram denominados estas novas edificações. Havia grande demanda por instalações escolares no Rio de Janeiro deste tempo. Boa parte das escolas funcionava em prédios precários, alugados a terceiros, ou casas improvisadas em escolas.

Num discurso por ocasião de ser inaugurada a Escola Antônio Prado Junior, na Quinta da Boa Vista, proferido por Jonathas Serrano, vários aspectos deste esforço de correspondência — entre o projeto de instrução e saúde pública que se tentava implementar e a solução arquitetônica mais adequada para tal —, são evidenciados pelo orador:

Aqui tendes exemplo e dos mais belos. Este parque encantador (...) era sem dúvida o cenário predestinado, pela sua formosura múltipla, expressiva e sadia, a abrigar a esta escola de tão alta e bela finalidade.

Presentiu-o e procurou realizá-lo, desde os primeiros dias, o espírito de Fernando de Azevedo, administrador e esteta, homem de ação e homem de pensamento, cheio de todo o entusiasmo e do seu idealismo construtor.<sup>132</sup>

O primeiro aspecto enunciado no discurso de Serrano é o da localização. A Quinta da Boa Vista, pela sua beleza cênica, aparece como o lugar mais adequado à instalação de uma escola. Aí já um segundo elemento emerge: o desejo de identificar a escola e o que ela significa para a sociedade com o “belo”, com o que é “bom” e “bonito”. Para o orador, essa Escola Antônio Prado Junior é uma demonstração clara do padrão pedagógico que se quer estabelecer através do projeto encabeçado por Fernando de Azevedo: “...esta escola que hoje inauguramos (...) ela é bem uma eloqüente demonstração do espírito de nossa época e da solicitude com que hoje encaramos o problema da infância”. Um outro elemento importante é a forte vinculação entre escola, instrução pública e saúde:

...um dos traços característicos da civilização contemporânea é a preocupação com a saúde das crianças, e não só da criança feliz, privilegiada, que abriu olhos à luz em ambiente de conforto, mas ainda e principalmente a criança pobre, desamparada, desordenada física e moralmente.<sup>133</sup>

A escola em inauguração visava, principalmente, o atendimento de crianças de saúde frágil, crianças “débeis”, na expressão do próprio Serrano. Ali, além da localização privilegiada, contariam também com o equipamento escolar adequado, sendo esse mais um dos elementos fundamentais do projeto de instrução pública encabeçado por Fernando de Azevedo: “...é [o prédio escolar] aparelhado com todos os recursos da ciência experimental, [que] proporcionam assistência e educação, vida ao ar livre, alimentação sadia, repouso, banhos de mar, banhos de sol, banhos de luz”.

Logo depois, Serrano parte para um detalhamento do prédio e de seu entorno:

Percorrer esta escola, observar-lhe a construção, analisar-lhe peça por peça, cada um dos seus elementos, é verificar o rigor científico de seu plano, o apurado gosto de suas linhas arquitetônicas, a impressionante nobreza de sua finalidade.

---

<sup>132</sup>Serrano, J. Discurso proferido pelo Sub-Diretor Técnico de Instrução, Sr. Jonathas Serrano por ocasião de ser inaugurada a Escola Antonio Prado Junior, na Quinta da Boa Vista. Fundo Jonathas Serrano do Arquivo Nacional. Rio de Janeiro: 1928? p.1-4. (Original datilografado de discurso pronunciado em cerimônia pública)

<sup>133</sup>Idem.

Salas de aula, em que se estudou cuidadosamente cada uma das condições técnicas de maior eficiência — acústica, aeração, iluminação natural, distribuição de mobiliário, facilidade de circulação —; varandas e salas de repouso, gabinete médico e dentário, refeitório, cozinha, pavilhão de ginástica, cercado de árvores frondosas que espalham sombra e dão uma nota de especial beleza ao pátio de recreio; pérgula, solário, tanque de vadiar — vede bem, senhores, nada foi esquecido. E em tudo o encanto artístico a serviço da ciência.<sup>134</sup>

Até mesmo o estilo arquitetônico foi planejado para atender, a um só tempo, às exigências científicas da nova pedagogia e ao papel da escola na valorização do sentimento pátrio e na formação do caráter dos brasileiros.

...no elevado propósito de recordar às novas gerações que vão surgindo a beleza e poesia incomparável do velhos solares de nossa terra. O emprego das varandas de colunata não é mero elemento ornamental característico: construtivamente, em nosso clima, é de valor indiscutível para o edifício escolar...<sup>135</sup>

Após pedir exoneração do posto de Sub-Diretor Técnico de Instrução, em Setembro de 1930, houve, na sub-diretoria que ocupou, uma grande sindicância onde se procurava “apurar irregularidades em escolas profissionais da Prefeitura”. O próprio Jonathas Serrano foi chamado a dar explicações no mês de Dezembro, mas o relatório só foi terminado em março de 1931, mesmo mês em que ele se desliga da Escola Normal e em que a imprensa carioca publicou uma carta sua, opondo-se veementemente ao mesmo relatório. Com a ida de Fernando de Azevedo para São Paulo, após sua saída de Diretoria de Instrução, Serrano passou à função de “defensor público” das realizações da gestão que comandaram na DGIP/DF. Serrano escreveu:

Sr. redator — apesar de impressionantes exemplos em contrário, ainda pertenço ao número dos que pensam que a opinião pública merece respeito. Quem exerce ou exerceu cargos públicos deve dar satisfações de seus atos. Eis porque escrevo estas linhas, não para os que me conhecem pessoalmente, mas para quantos poderiam ser levados a formular, desconhecendo-me, um juízo desfavorável sobre meu nome, que, com a graça de Deus, espero legar impoluto a meus filhos.<sup>136</sup>

---

<sup>134</sup>Idem.

<sup>135</sup>Idem.

<sup>136</sup>FJS/AN. As sindicancias nas escolas profissionaes da prefeitura. Fundo Jonathas Serrano do Arquivo Nacional. Rio de Janeiro: 9/3/1931. 1931. (Recorte de jornal)

De um modo pouco usual para seu estilo, Serrano inicia sua carta ao jornal citando nomes, valendo-se de ironias, sendo até sarcástico:

Suponho eu, na minha incorrigível ingenuidade de homem honesto, que iria prestar informações a uma comissão de juízes dignos e imparciais, dispostos a escutar, ponderar e proferir um *veredictum* sereno. Logo se me desfez a ilusão ao encontrar na comissão o inspetor Pedro Deodato de Moraes. Ainda assim, além de uma exposição de duas horas, fiz uma defesa escrita de 18 páginas de papel almaço, de que me requeri juntada aos autos do inquérito, assim como dos dois primeiros números do Boletim de Educação Pública. (...) Nesse infeliz relatório publicado em vosso jornal, vejo com surpresa e indignação que não há uma referência sequer às exposições e defesas apresentadas. Ao contrário: sistematicamente se omitiram todos os fatos que poderiam constituir prova da lisura e do zelo da Sub-Diretoria Técnica e da própria Diretoria Geral.<sup>137</sup>

Os desentendimentos passam por questões como a demissão de professores interinos (não efetivos); pela acusação de má gestão e falta de fiscalização nestas escolas; e pela ausência de escrita contábil relativa às escolas profissionais.

Sobre este último tópico Serrano se defende afirmando que por sua responsabilidade havia sido punido o *Guarda-Livros*, quando se percebeu que o mesmo não cumpria com as suas obrigações da escrita contábil.

Eis porque, sr. redator, não posso rler o relatório da Comissão de Sindicância sem veemente indignação. Dos seus três membros, aliás, um é apenas um notário, que de pedagogia nada absolutamente entende. Outro é o jovem sr. Povina Cavalcanti, cujo nome supus fosse engano meu houvesse também subscrito o relatório. Esfreguei bem os olhos: não fora engano. Lá estava com todas as letras... O terceiro é o inspetor Pedro Deodato de Moraes. Aqui está tudo coerente e bem de acordo com a psicanálise. Nem me admira que até hoje nada haja oposto às graves acusações, estampadas com “clichés” em diários desta capital, relativas à sua atuação como Técnico em Vitória, na passada administração do Espírito Santo. (...) A Sub-Diretoria Técnica arranjou-me dezenas de inimigos gratuitos e mil e um dissabores, até este prêmio final de um relatório injusto e que sonega a verdade dos fatos.<sup>138</sup>

---

<sup>137</sup>Idem.

<sup>138</sup>FJS/AN. As sindicancias nas escolas profissionais da prefeitura. Fundo Jonathas Serrano do Arquivo Nacional. Rio de Janeiro: 9/3/1931. 1931. (Recorte de jornal)

### 3.8

#### **Ensinar pelo trabalho, ensinar com os filmes, criar e renovar um sistema de ensino**

O tema das escolas profissionais já havia mobilizado a opinião pública da Capital da República. Um ano antes destes acontecimentos, o próprio Jonathas Serrano escrevera na Revista Excelsior sobre as obras e a administração destas unidades escolares, prestando contas à população. As várias disputas políticas que acompanharam e se seguiram a Reforma Fernando de Azevedo exigiam que a equipe se esforçasse para deixar claro à população os resultados de tantos esforços e investimentos de recursos públicos, por isso, 1929 foi o ano em que se realizaram várias exposições, abrindo à visitação pública os “resultados” da reforma na instrução. As duas mais importantes foram a 1ª Exposição de Cinematografia Educativa e a exposição de trabalhos e instalações das Escolas Profissionais.

Como comenta o próprio Serrano em seu texto na Revista Excelsior: “...relativamente, porém, às múltiplas e reais dificuldades do meio, pode-se dizer, sem receio, que foi belíssima vitória”. Com vitória o autor está se referindo aos resultados concretos e até prematuros das escolas profissionais recém-instaladas, sobre os quais ele afirma: “...até mesmo no círculo mais restrito dos que acompanham de perto as coisas do ensino, o resultado excedeu a expectativa”.

A exposição realizada em 1929, das atividades e produtos das escolas profissionais, pelo prisma de Serrano, era uma contraposição à crítica feita pelos “adversários gratuitos da recente reforma do ensino”, que afirmavam não existir ensino profissional no Rio de Janeiro. Para os críticos, cada instituto ou escola não passava de uma aparência mentirosa: “Oficinas? Desaparelhadas. Cursos teóricos? Entregues a professores interinos, nomeados por mera proteção política”.

Para Serrano, contra a crítica, nada melhor que a evidência dos fatos, daí a importância das exposições. Mas, como as críticas, para ele, sempre têm “alguma parcela de realidade”, também na sua avaliação o ensino no Distrito Federal ainda apresentava deficiências, como o resultado de desacertos históricos que estavam sendo corrigidos. Pois, quanto à recente Reforma Fernando de Azevedo, “...tão combatida em seu projeto e princípio de execução, já pouco a pouco vai mostrando seus frutos”.

Certo para Serrano é que não se poderia alterar abruptamente, em meses, os efeitos de muitos anos de ação descontinuada, sem plano de conjunto, e até não raro também contraditória e perturbadora. Serrano ainda informa em seu texto sobre a onda de inaugurações que se esperava para 1929 — o texto é do mês de janeiro daquele ano:

Em 1928, já com a experiência enriquecida, fez-se a regulamentação. 1929 será o ano das inaugurações: prédios escolares novos, instalações imponentes para duas grandes escolas profissionais, escolas especiais para débeis, almoxarifado privativo da instrução pública, rádio-escola, escola dramática, cinema educativo... Em 1930 a obra de realização culminará com a nova Escola Normal, que em seu edifício magnífico abrigará as novas fileiras da falange renovadora do ensino primário.<sup>139</sup>

Como informa em seu texto, “...este propósito de educar pelo trabalho”, abrangia um grande conjunto de especialidades: desenho, modelagem, flores, chapéus, costuras, rendas, bordados, tecidos de malha, obras em madeira, vime, tornearia, ajustagem, tipografia, composição e impressão, horticultura, jardinagem, avicultura, apicultura, sericultura, zootecnia etc. Tudo isso fruto dos esforços de “elaboração, regulamentação, instalação, realização: — é a obra de um quadriênio. Será continuada?” Pergunta-se Serrano ao final de seu artigo, como que antevendo os questionamentos que, sobre tal tema, sofreriam após deixar a DGIP/DF.

No entanto, nada se compara ao brilho e acolhimento público à 1ª Exposição de Cinematografia Educativa. Com a Reforma Fernando de Azevedo, Serrano havia também assumido a presidência da Comissão de Cinema Educativo da DGIP/DF. À frente da mesma, sonhou realizar uma revolução nos métodos de ensino do Distrito Federal. Como parte das ações de difusão da metodologia do uso do filme na escola, fez realizar em 1929 uma grande exposição de aparelhos de projeção fixa e animada, filmes e catálogos, além de promover um curso para a formação dos professores, de modo a estimulá-los na adoção do ensino combinado com o cinema em sala de aula. Sobre o acontecimento, escreve em seu livro *Cinema e Educação*:

---

<sup>139</sup>Serrano, J. *Educação e Trabalho*. Fundo Jonathas Serrano do Arquivo Nacional. Rio de Janeiro: 01/1929. 1929. (Recorte da revista 'Excelsior')

Realizada a Exposição, em Agosto de 1929, obteve extraordinário êxito, muito superior ao que lhe augurara a própria Comissão organizadora.

A escolha do local foi objeto de especial cuidado. Não se tratava de criar um ambiente cinematográfico qualquer, desses que do ponto de vista moral são quase sempre censuráveis, mas sim de realizar um conjunto equilibrado e sugestivo, que desse logo aos visitantes a sensação de um meio realmente educativo, sem todavia nada sacrificar de quanto o pudesse tornar atraente. Eis porque se escolheu uma escola situada em distrito central, de fácil acesso — a Escola José de Alencar, no Largo do Machado, oferecia também a vantagem de possuir salas amplas, entre as quais um magnífico salão, de capacidade adequada à projeção de filmes de mais longa metragem, com aparelhos de todos os tipos. (...) Para os visitantes em geral e muito particularmente aos professores, a vantagem de ver funcionar tantos aparelhos de marcas tão diversas era incontestável e constituía a mais eloqüente das demonstrações do valor pedagógico do cinema. (...) Distribuiu-se, durante a exposição, grande cópia de catálogos, opúsculos de propaganda, notas bibliográficas referentes a livros e revistas cinematográficas etc. À noite realizaram-se palestras sobre questões de educação e possibilidades do cinema aplicado ao ensino, todas acompanhadas de projeções.<sup>140</sup>

### 3.9

#### Mantendo-se junto ao poder

Apesar das provações, os ventos políticos foram favoráveis a Serrano e ao grupo ao qual estava ligado. Frente ao governo federal que se instalou após 1930, foi membro da Comissão Nacional de Censura Cinematográfica desde o ano de 1932; colaborou ativamente para as discussões do Convênio Cinematográfico Educativo de 1934; foi um dos responsáveis por dar estatuto jurídico ao Instituto Nacional de Cinema Educativo; pertenceu à Comissão de Ensino Secundário — vindo a relatar a parte referente ao ensino secundário do Plano Nacional de Educação em 1937 — quando foi nomeado para o Conselho Nacional de Educação. Deste modo, mantendo-se, por toda a década de 1930, em cargos públicos federais ligados à educação e ao cinema educativo.

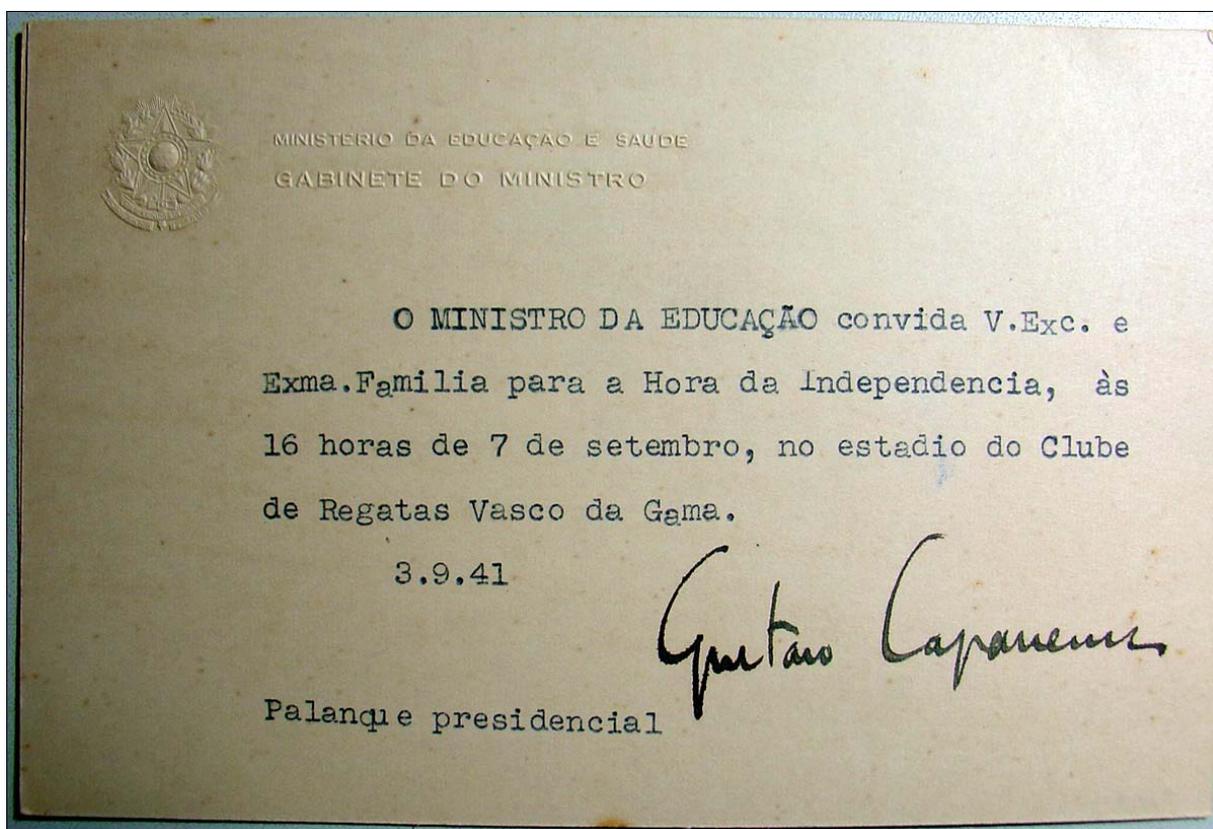
Serrano mantém também uma correspondência com o Ministro Capanema. É a ele que o ministro atribui várias tarefas importantes, às quais discute ponto a ponto em suas cartas. Como na correspondência de 30 de janeiro de 1943, onde expõe detalhadamente sua opinião sobre o arranjo proposto por Serrano para os conteúdos do ensino médio de História do Brasil. Capanema vai discordando e

---

<sup>140</sup>Serrano, J. e F. Venâncio Filho. Cinema e educação. São Paulo; Cayeiras; Rio de Janeiro: Companhia Melhoramentos de São Paulo, v.XIV. 1931. p. 34-36.

sugerindo mudanças, pois suspeita que os professores não darão conta de cumprir no período letivo toda a matéria prevista por Jonathas Serrano no projeto. “Desejaria que meu prezado amigo alterasse ou refizesse alguns pontos das instruções. Antes, peço que me perdoe tamanha impertinência”, diz Capanema.<sup>141</sup> E segue, indicando, um a um, com quais pontos concorda e com quais discorda. Se por um lado o Ministro se mostra realmente impertinente nos comentários, por outro não deixa de ser um privilégio para Serrano ter sua proposta comentada pelo próprio Gustavo Capanema, que poderia ter delegado a avaliação a um auxiliar.

### **7 DE SETEMBRO NO PALANQUE PRESIDENCIAL**



*Durante muitos anos Jonathas Serrano manteve-se em íntimo relacionamento com o poder estabelecido no país, não só exercendo cargos públicos comissionados como vivendo em proximidade das figuras de maior relevo. Acima se vê o convite feito pelo Ministro Gustavo Capanema para que comparecesse às festividades do 7 de setembro, em companhia de sua família, no palanque presidencial.*

<sup>141</sup>Capanema, G. Carta de 30 de janeiro de 1943. Discussão sobre o programa de ensino de história. Fundo Jonathas Serrano do Arquivo Nacional. Rio de Janeiro: 30/1/1943, p.1-4. 1943. (Original manuscrito de carta)

### 3.10

#### Por trás do Dr. Serrano, um Jonathas tímido e discreto

Com seu jeito metódico de organizar o trabalho e o arquivo pessoal, muitas vezes anotava, à margem das cartas recebidas, o encaminhamento que havia dado às demandas, as datas em que o fizera, se havia respondido à correspondência ou a quem havia direcionado a questão. Sempre atento, sempre solícito e disponível, mesmo com o passar dos anos e a ascensão a cargos mais decisivos. É o que nos comprova o tom agradecido de Câmara Cascudo, em 1942:

Solicito ao ilustre amigo, na forma habitual com que estuda e decide papéis submetidos à sua apreciação, um exame, se possível ainda mais atento, antecipando este seu velho admirador, os melhores agradecimentos.<sup>142</sup>

Ou, então, o modo como se dirige a ele Anísio Teixeira, dez anos antes, quando o baiano ocupava o posto que fora de Fernando de Azevedo, no Distrito Federal:

Venho agradecer, muito penhorado, a gentileza com que atendeu ao meu pedido, (...) Com o movimento de meu gabinete, que se acentuou ultimamente, não lhe pude dar essa resposta com a brevidade desejada. (...) Sempre muito agradecido, sou com estima e consideração.<sup>143</sup>

Já como Diretor Geral de Instrução Pública, Anísio Teixeira havia pedido a Serrano que respondesse a um questionário sobre ensino de história e patriotismo no Brasil, demanda de pesquisadores norte-americanos para a Diretoria de Instrução Pública. Alguns meses depois, os próprios pesquisadores se encarregaram de agradecer a dedicação com que suas questões foram tratadas por Serrano:

Dear Sir:

Please accept my sincere and profound thanks for the excellent statement which you were so kind as to send me, in response to my inquiry about the teaching of history, civics, and patriotism in the schools of Brasil. (...) Very cordially yours, Henry W. Lawrence.<sup>144</sup>

---

<sup>142</sup>Câmara Cascudo, L. Carta de 21 de agosto de 1942. Fundo Jonathas Serrano do Arquivo Nacional. Natal: 21/8/1942. 1942. (Original datilografado de carta)

<sup>143</sup>Teixeira, A. Carta de 29 de fevereiro de 1932. Fundo Jonathas Serrano do Arquivo Nacional. Rio de Janeiro: 29/2/1932. 1932. (Original de carta, datilografado)

<sup>144</sup>Lawrence, H. w. Carta de 3 de maio de 1932. Fundo Jonathas Serrano do Arquivo Nacional. Rio de Janeiro: 3/5/1932. 1932. (Original de carta datilografado)

Essa carta, tão logo chegou ao gabinete de Anísio Teixeira, foi encaminhada a Serrano. No original pode-se observar, na margem superior do documento, o despacho manuscrito por Anísio Teixeira: “Transmita-se ao Dr. Jonathas Serrano”. Pois, o Dr. Jonathas Serrano recebeu a carta de Henry Lawrence e conservou-a em meio aos seus papéis, bem junto do agradecimento enviado anteriormente por Anísio Teixeira.

Esse lado metódico da personalidade de Jonathas Serrano às vezes tomava ares pitorescos. Como na tabela de horários que preparou para organizar o tempo e os afazeres pessoais, onde constavam detalhes como: “feriados: limpeza geral — arrumação das revistas e papéis”; ou o horário padrão que criou para as segundas, quartas e sextas-feiras: “...no Pedro 2º das 10 ¼ - 12; sair para tomar lanche 12 ¼ (café, sanduíche, chá); voltar a 1 ¼ - aulas até 3 ¼”.<sup>145</sup> E assim por diante, detalhando compromissos fixos e rotineiros, como missas, aulas, encontros, hora para comer, escrever, ler, responder cartas, submetendo o trabalho e o descanso ao rigor da razão. Pitoresca também é a anotação intitulada Mala de Friburgo, onde Serrano organiza uma lista de tudo que pretende levar na bagagem numa viagem até a cidade do interior do estado do Rio de Janeiro:

Guia Lévy.  
 Livro de orações.  
 Revistas para Luiz.  
 Cartões. Manilha. Papel para apontamentos diários.  
 Chinelos. Sapatos pretos.  
 Camisas, cuecas, ceroulas.  
 Colarinhos, gravatas, lenços.  
 Meias, pijamas, toalhas.  
 Terno preto. Sobretudo escuro.  
 Óculos novos. Água de Colônia.  
 Loção, sabonete, Odol, Mistol.  
 Calfix, Gillette, estojo de barba, pincel, pedra hume, pente, escova de dentes, de unhas, de cabelo e de roupa.  
 Tesourinha, elásticos, celofane.  
 Algodão, fósforos, palitos.  
 Alfinetes, pano para os sapatos.

---

<sup>145</sup>Serrano, J. Horário. Fundo Jonathas Serrano do Arquivo Nacional. Rio de Janeiro: s/d,. (Folha com anotações pessoais)

Talco, quina, lixa de unhas, mataborrão, copos de viagem.  
 Canivete, cordão, biscoitos, vinho digestivo, água mineral.  
 Balas, frutas, jornais e revistas para ler. Aristolino. TROCO. Calçadeira. Lápis.  
 Papel e envelopes. Esparadrapo. Salofeno. Cabide para calça.

Dinheiro. Vapex.<sup>146</sup>

É através destes apontamentos pessoais que se pode vislumbrar o ser humano discreto e tímido por trás da figura pública do professor Serrano. Em 24 de março de 1938, após uma visita a Anísio Teixeira, ele datilografou:

A ida à casa de Anísio na Urca. A conversa, dias antes, com Lourenço Filho. O que ele me dissera sobre a sua impressão pessoal do caso do Anísio. O longo repouso forçado, na Bahia, o nascimento da primeira filhinha. A visão do mundo para quem é pai. (...) O encontro com Venâncio. Vamos juntos. A casa, o bairro, o aspecto geral. A surpresa dele e a alegria com minha visita. A conversa e os problemas filosóficos, a propósito de Farias Brito e da minha recente viagem ao Norte. O problema da graça. O caso dele e do Venâncio.<sup>147</sup>

Em outro pedaço de papel, Serrano anotou algumas reflexões sobre as relações pessoais e a vida social, sobre o modo como as pessoas formam juízos de valor umas sobre as outras.

O que o público em geral aprecia: a força, a beleza, o dinheiro e o êxito. Não vencem os tímidos, os fracos, os virtuosos. Mesmo quando o público os admira, não há afinidade e o acordo é rápido e instável de parte a parte. O homem superior é por isso mesmo um isolado e um incompreendido em vida. Há exceções, mas são as dos grandes ativos, que impressionam pela própria atividade. O público é como as mulheres: quer fatos, sentimentos e não idéias.<sup>148</sup>

Estaria Serrano se referindo aos seus próprios dramas pessoais? Sempre a servir, a atender. Humildade ou timidez? Qualidade ou fraqueza? Força ou insegurança?

Ele prossegue nas anotações, de modo a impelir o leitor a estabelecer relações com a enumeração da Mala de Friburgo: “O indivíduo que se veste com certo apuro atrai a atenção e a maledicência. Ninguém admite que um homem

---

<sup>146</sup>Serrano, J. Mala de friburgo. Fundo Jonathas Serrano do Arquivo Nacional. Rio de Janeiro: s/d. (Original datilografado de anotações pessoais)

<sup>147</sup>Serrano, J. Anotações pessoais sobre visita a Anísio Teixeira. Fundo Jonathas Serrano do Arquivo Nacional. Rio de Janeiro: 24/03/1938. 1938. (Original datilografado de anotações pessoais)

<sup>148</sup>Serrano, J. Anotações pessoais sobre os julgamentos das pessoas. Fundo Jonathas Serrano do Arquivo Nacional. Rio de Janeiro: s/d. 1938. (Original datilografado de anotações pessoais)

traje bem só pelo senso de dignidade própria...”<sup>149</sup>

Para Serrano não foi difícil abordar temas acadêmicos e cumprir convenções sociais, porém, o orador brilhante, capaz de envolver imensas platéias, retrai-se e perde brilho quando mergulha na seara complexa da intimidade. São vários os pequenos bilhetes no FJS/AN onde Maria Celeste Duprat Serrano, sua esposa, expõe detalhadamente os gastos mensais com o apartamento em Laranjeiras, com os filhos, com a alimentação. É com respeito que ela demanda um aumento na mesada, que ela expressa o desejo de ir visitar sua mãe — a Viscondessa de Duprat — em Friburgo.<sup>150</sup> Ao falar sobre o falecimento de Serrano, Durval Moraes confirma:

A tarde de sábado estava cinzenta, mas alegre. A sessão fora marcada para as quinze horas. As catorze, acadêmicos federados de todos os estados apareceram na sala. Um quarto para as três, o homem pontual, que nunca faltou a um encontro, apareceu. Jonathas, sorridente, veio a nós. Era sempre assim. Anuviasse-lhe a alma o constrangimento, ele procurava envolver a mácula num sorriso. Era o segredo de sua serena atitude e de sua cortesia.<sup>151</sup>

Em 14 de outubro de 1944 Jonathas Serrano iria assumir uma representação da Academia Carioca de Letras frente à Federação das Academias de Letras. Em meio ao seu discurso sofreu um derrame cerebral. Tinha 59 anos de idade e, apesar de prontamente socorrido e levado para o Hospital Beneficência Portuguesa, faleceu dois dias depois, em 16 de outubro.

Deste modo viveu, deste modo morreu, como descreve Corrêa Filho:

...comentam os que lhe ouviram a impressionante alocução final, à maneira do canto de despedida lendária dos cisnes golpeados de morte. Emudeceu como desejou talvez, siderado em plena apoteose da palavra, cuja força emotiva percebia espelhar-se nos aplausos e encantamento do auditório maravilhado.<sup>152</sup>

---

<sup>149</sup>Idem.

<sup>150</sup>Jonathas Serrano casou-se a 1 de Maio de 1912 com Maria Celeste Duprat, tendo com ela quatro filhos: Luiz Duprat Serrano, Celeste Duprat Serrano, Paulo Duprat Serrano e Flávio Duprat Serrano.

<sup>151</sup>Moraes, D. Discurso do Dr. Durval Moraes em Sessão realizada no Centro D. Vital por ocasião da morte de Jonathas Serrano. Op. cit.

<sup>152</sup>Correa Filho, V. Nota sobre Jonathas Serrano publicada após sua morte. Op. cit.